FORMAÇÃO CONTINUADA EM GEOGRAFIA PARA PEDAGOGOS



JULISNEI RODRIGUES LAURO
ROSA MARTINS COSTA PEREIRA

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Gerador de Ficha Catalográfica do IFRO.

Lauro, Julisnei Rodrigues.
Formação continuada em geografia para pedagogos / Julisnei Rodrigues Lauro. - Cacoal, 2026.
128 f. : il.

Orientador(a): Profª. Dra. Rosa Martins Costa Pereira.

Produto Educacional (Mestrado Profissional em Ensino de Geografia – ProfGeo) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO, Cacoal, 2026.
ISBN 978-85-68473-16-0

1. Formação continuada. 2. Geografia. 3. Pedagogos. I. Pereira, Rosa Martins Costa (orient.). II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO. III. Título.

Bibliotecário(a) Responsável: Ana Lucia Bastos Paiva Martins, CRB-11/1306

Os autores


Quem é
Julisnei
Rodrigues Lauro
Mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional (PROFGEO), do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), campus de Cacoal. Atua como professor da Educação Básica da rede estadual de ensino de Rondônia. Este Guia é fruto de sua pesquisa de mestrado, desenvolvida na Escola Estadual Maria Aurora do Nascimento, Cacoal/RO.


Quem é
Rosa Martins
Costa Pereira
Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR, 1999), Especialista em Metodologia do Ensino Superior e em Gestão Escolar (UNIR-2001 e 2003), Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR- 2008) e Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR, 2016). É professora EBTT do Instituto Federal de Rondônia Campus Porto Velho Zona Norte, área de Pedagogia, atuando no Curso de Licenciatura em Pedagogia e professora do quadro permanente do Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) e do Mestrado em Geografia (PROFGEO)

Apresentação **4**

Estrutura dos Módulos.....**5**

Módulo 1 – Fundamentos da Geografia escolar nos anos iniciais **7**

Módulo 2 – Espaço vivido, lugar e paisagem. **23**

Módulo 3 – Alfabetização cartográfica: lateralidade, localização, orientação e representação do espaço **36**

Módulo 4 – Natureza, sociedade e biogeografia......**52**

Módulo 5 – Geografia rural e urbana...... **70**

Módulo 6 – Geografia econômica: produção, trabalho e consumo **85**

Módulo 7 – Geografia Regional...... **103**

Módulo 8 – Ensinar Geografia na prática: articular conhecimentos e construir propostas de aprendizagem **118**

Referências.....**128**

Apresentação

Este guia de formação continuada surge como o resultado prático de uma pesquisa de mestrado dedicada a investigar e qualificar o ensino de Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Fruto de rigor científico e de uma escuta atenta à realidade da sala de aula, o produto foi desenhado especificamente para apoiar pedagogos e professores polivalentes que, muitas vezes, sentem insegurança ou falta de suporte metodológico para trabalhar os conceitos geográficos com as crianças.

O objetivo central é instrumentalizar o educador por meio de uma abordagem reflexiva, unindo a teoria contemporânea da educação geográfica à prática pedagógica cotidiana, transformando o espaço de vivência do aluno no principal laboratório de aprendizagem.

Vale destacar que este produto não tem a pretensão de transformar o pedagogo em um geógrafo — o que sequer faria sentido. O intuito desta formação continuada é auxiliá-lo(a) a perceber que a Geografia está presente em seu cotidiano escolar, muitas vezes de maneira implícita. Vamos ao trabalho!

Estrutura dos Módulos

Os módulos de 1 a 7 estão estruturados com as seguintes seções:

A largada ocorre em **Conexão com a pesquisa**, momento que estreita os laços entre o tema em estudo e a investigação que gerou este produto educacional. Trata-se de um gesto de transparência metodológica, evidenciando que as escolhas teóricas feitas no Guia respondem diretamente às angústias e necessidades reais mapeadas no campo de pesquisa. Na sequência, os **Objetivos de aprendizagem** funcionam como bússolas, indicando os saberes e as compreensões que se pretende cultivar, permitindo ao docente acompanhar seu próprio progresso.

O convite à ação começa em **Vamos refletir**, um espaço de acolhimento que lança provocações e situações-problema do cotidiano escolar. O objetivo é mobilizar a bagagem de experiências que o professor já possui, garantindo que o estudo comece pelas suas próprias certezas e dúvidas pedagógicas. O adensamento teórico acontece em **Vamos estudar**, seção dedicada a clarear os conceitos fundamentais da Geografia e da pedagogia, traduzindo as bases científicas em possibilidades reais para os anos iniciais.

Para assentar o que foi aprendido, a seção **Organizando as ideias** propõe uma pausa para síntese e sistematização, destacando as costuras conceituais centrais para a continuidade da caminhada. Em seguida, o professor é convidado a ser o protagonista em **Experimente e produza**. Trata-se de um convite ao fazer individual — observando, criando ou registrando descobertas em seu *diário de formação*, que se transforma em um valioso memorial de suas autorreflexões.

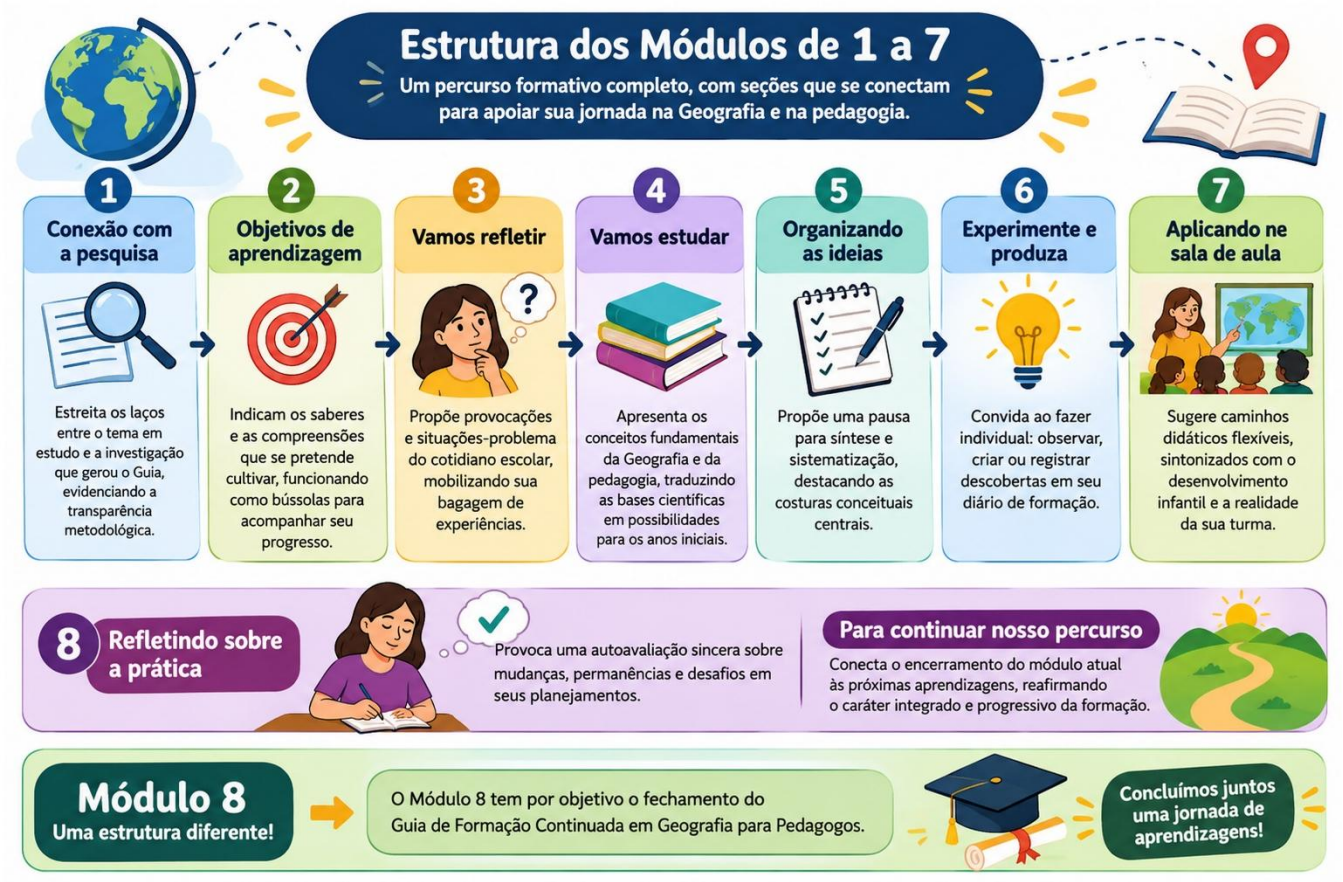
A transposição para o ambiente escolar ganha forma em **Aplicando na sala de aula**, onde são sugeridos caminhos didáticos flexíveis e sintonizados com o desenvolvimento infantil. Longe de ditar cartilhas ou modelos rígidos, a intenção é oferecer inspirações que possam ser moldadas à identidade de cada turma e realidade escolar.

O ciclo se fecha trazendo o docente de volta ao centro do processo em **Refletindo sobre a prática**, provocando uma autoavaliação sincera sobre

mudanças, permanências e desafios em seus planejamentos. Por fim, a seção **Para continuar nosso percurso** lança um olhar para o horizonte, conectando o encerramento do módulo atual às próximas aprendizagens, reafirmando o caráter integrado e progressivo da formação.

O Módulo 8 possui estrutura diferente e tem por objetivo o fechamento do Guia de Formação Continuada em Geografia para Pedagogos.

Estrutura dos Módulos.



Elaborado com auxílio de inteligência artificial (OpenAI, 2026).

Módulo 1: Fundamentos da Geografia escolar nos Anos Iniciais

Conexão com a Pesquisa

A elaboração deste módulo está diretamente relacionada aos resultados encontrados na pesquisa que deu origem a este produto educacional. A investigação buscou compreender aspectos da formação e da prática pedagógica de professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em relação ao ensino de Geografia, evidenciando desafios relacionados tanto à formação inicial quanto às oportunidades de formação continuada. Os participantes da pesquisa eram professores com formação inicial em Pedagogia, atuantes entre o 1º e o 5º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Os dados evidenciaram que a formação inicial não proporcionou, de maneira suficiente, experiências relacionadas aos conhecimentos geográficos e ao seu ensino. Alguns participantes relataram não possuir lembranças de disciplinas ou experiências significativas de Geografia durante a graduação, enquanto outros apresentaram dificuldades para recordar conteúdos ou práticas desenvolvidas nesse período. Essa realidade também foi observada em relação à formação continuada. Embora os professores participantes tivessem realizado diferentes cursos e atividades formativas ao longo de suas trajetórias profissionais, nenhum deles havia participado de uma formação continuada especificamente voltada ao ensino de Geografia. As formações mencionadas estavam concentradas, principalmente, em áreas como Língua Portuguesa e Matemática.

Ao mesmo tempo, a pesquisa demonstrou que esses professores ensinam uma variedade significativa de conteúdos geográficos. Entre os temas mencionados estão localização, lateralidade, orientação espacial, paisagem,

cidade e campo, recursos naturais, diversidade cultural, atividades econômicas, vegetação, relevo, hidrografia, população, regiões brasileiras, mapas e imagens de satélite. A diversidade de conteúdos trabalhados, entretanto, não elimina os desafios encontrados na prática. A pesquisa revelou diferentes níveis de segurança dos professores diante dos conhecimentos geográficos. Enquanto alguns participantes afirmaram compreender os conteúdos que trabalhavam, outros relataram a necessidade de realizar pesquisas e buscar diferentes fontes quando surgiam dúvidas. Também foram identificadas dificuldades conceituais relacionadas a determinados conteúdos.

Esses resultados ajudam a compreender a importância de uma formação continuada específica em Geografia para os professores dos Anos Iniciais. Contudo, é importante esclarecer que a finalidade de uma proposta como esta não é transformar o professor pedagogo em especialista ou licenciado em Geografia. O objetivo é outro: oferecer conhecimentos geográficos e pedagógicos que contribuam para que esse profissional desenvolva sua prática com maior segurança, compreendendo os conceitos que ensina e encontrando formas adequadas de mediá-los junto às crianças. Nesse sentido, a formação continuada pode constituir um espaço de aprofundamento dos conhecimentos, de reflexão sobre a prática e de construção de novas possibilidades de ensino. Os saberes docentes são construídos a partir de diferentes fontes e experiências, envolvendo a formação, os conhecimentos disciplinares e curriculares e os saberes provenientes da própria experiência profissional.

O primeiro módulo deste Guia parte, portanto, de uma questão fundamental: o que significa ensinar Geografia nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental? Responder a essa pergunta exige compreender que a Geografia Escolar não se resume à apresentação de nomes de lugares, capitais, rios, estados, formas de relevo ou outros conteúdos isolados. Esses conhecimentos podem fazer parte do currículo, mas precisam estar articulados à compreensão do espaço e das relações que nele se estabelecem. É nessa perspectiva que o módulo apresenta fundamentos da Geografia Escolar, discutindo o espaço geográfico, o espaço vivido, a leitura do mundo, o pensamento geográfico e o papel do professor pedagogo na construção do conhecimento geográfico escolar. Ao longo do

percurso, o professor será convidado a reconhecer que a Geografia está presente nas experiências cotidianas das crianças e que essas experiências podem constituir importantes pontos de partida para a construção de conhecimentos sistematizados.

Objetivos de Aprendizagem

Ao final deste módulo, você será capaz de:

- ☑ Compreender os fundamentos da Geografia Escolar e sua importância nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental;
- ☑ Reconhecer a relação entre o espaço vivido e a construção do conhecimento geográfico;
- ☑ Compreender a importância da leitura do mundo e do desenvolvimento do pensamento geográfico;
- ☑ Refletir sobre o papel do professor pedagogo na mediação dos conhecimentos geográficos; e
- ☑ Identificar possibilidades de articular os conhecimentos específicos da Geografia às experiências cotidianas dos estudantes.

Vamos Refletir



Antes de iniciarmos o estudo, reserve alguns minutos para pensar sobre sua própria experiência.

Quando você pensa em ensinar Geografia para crianças, o que considera mais importante que elas aprendam? Registre brevemente sua resposta no Diário de Formação.

Não é necessário escrever muito. O objetivo é apenas registrar sua compreensão inicial para que, ao final do módulo, você possa retornar a ela e perceber se alguma ideia se modificou ou se ampliou.

Vamos Estudar

A Geografia e a compreensão do espaço

Para compreender o ensino de Geografia nos Anos Iniciais, é importante começar por uma questão aparentemente simples: **o que estudamos quando estudamos Geografia?**

A resposta não se limita a mapas, países, cidades, rios, relevo ou clima. Esses elementos fazem parte dos conteúdos geográficos, mas a Geografia procura compreender, de maneira mais ampla, o espaço e as relações que nele se estabelecem. O espaço geográfico é produzido e transformado pelas relações entre sociedade e natureza. As pessoas vivem, trabalham, circulam, produzem, consomem, constroem, modificam e atribuem significados aos lugares. Ao mesmo tempo, dependem de elementos naturais e interferem sobre eles de diferentes maneiras.

Uma rua, por exemplo, não é apenas uma faixa de circulação. Sua existência está relacionada às formas de ocupação do espaço, à circulação de pessoas e mercadorias, às atividades econômicas, às decisões políticas, às condições ambientais e às necessidades da sociedade. Da mesma maneira, uma área rural não pode ser compreendida somente pela presença de plantações ou criação de animais. É necessário considerar as relações de trabalho, produção, circulação, consumo, tecnologia, natureza e organização territorial que participam de sua constituição.

É justamente essa compreensão das relações espaciais que torna o conhecimento geográfico importante para a formação das crianças. A Geografia permite olhar para situações aparentemente comuns e formular perguntas sobre elas.

Por que as casas estão concentradas em determinada área?

Por que alguns lugares possuem muitos estabelecimentos comerciais e outros não?

Por que determinado rio foi canalizado?

Por que uma área que antes possuía vegetação atualmente está ocupada por construções?

Por que algumas pessoas precisam percorrer grandes distâncias para chegar à escola ou ao trabalho?

Essas perguntas mostram que a Geografia está presente no cotidiano e que ensinar Geografia significa, entre outras possibilidades, ajudar o estudante a construir instrumentos para compreender essas situações.

Geografia Escolar: entre o conhecimento científico e a prática pedagógica

Quando falamos em Geografia Escolar, não estamos simplesmente falando da reprodução, na escola, de tudo aquilo que é produzido pela ciência geográfica. A Geografia Escolar possui finalidades próprias. Ela envolve a seleção e a organização dos conhecimentos geográficos de acordo com as necessidades educativas dos estudantes, considerando sua idade, seus conhecimentos prévios e os objetivos da escolarização.

Devemos entender a importância da relação entre os conhecimentos geográficos e os processos de ensino e aprendizagem. Isso significa que conhecer determinado conteúdo da Geografia é importante, mas não é suficiente para ensiná-lo. O professor também precisa pensar em **como transformar esse conhecimento em uma experiência de aprendizagem adequada aos estudantes**. Essa questão é especialmente importante para os professores dos Anos Iniciais.

O professor pedagogo não precisa reproduzir, com crianças pequenas, o mesmo tratamento dado a um determinado conceito em uma disciplina universitária de Geografia. Entretanto, precisa compreender os fundamentos desse conceito para poder realizar uma mediação pedagógica adequada. É nesse ponto que a formação continuada assume uma função importante.

O professor precisa conhecer para ensinar, mas esse conhecimento precisa ser articulado às características da infância, aos objetivos dos Anos Iniciais e às experiências que as crianças trazem para a escola. Assim, o conhecimento

geográfico e o conhecimento pedagógico não devem ser tratados como dimensões separadas. Eles se encontram no planejamento e na prática docente.

Conhecer Geografia para ensinar não significa transformar o pedagogo em geógrafo. Significa ampliar os conhecimentos necessários para que ele possa continuar exercendo sua função de professor dos Anos Iniciais, agora com maior segurança para ensinar Geografia.

Ler o mundo: uma contribuição da Geografia para os Anos Iniciais

Um dos princípios que pode orientar o ensino de Geografia nos Anos Iniciais é a compreensão de que a criança precisa aprender a **ler o mundo em que vive**.

É importante dar atenção para a importância de desenvolver, desde os primeiros anos escolares, uma leitura que ultrapasse a simples observação dos elementos presentes na realidade. Ler o mundo significa procurar compreender as relações que produzem aquilo que vemos.

Uma criança observa uma praça. Em um primeiro momento, pode identificar árvores, bancos, pessoas, brinquedos e caminhos. Esse olhar inicial é importante, mas o trabalho pedagógico pode ajudá-la a avançar.

Quem construiu essa praça?

Por que ela foi construída nesse lugar? Quem utiliza esse espaço?

Todos conseguem utilizá-lo da mesma maneira?

O que havia nesse lugar anteriormente?

Quem é responsável por sua manutenção?

Que problemas existem nesse espaço?



Essas perguntas ajudam a transformar a observação cotidiana em investigação.

A criança passa, assim, de uma percepção inicial para uma tentativa de compreender as relações presentes naquele espaço. É nesse processo que o ensino de Geografia pode contribuir para o desenvolvimento do pensamento geográfico.

O espaço vivido como ponto de partida

As crianças não chegam à escola sem conhecimentos sobre o espaço. Antes mesmo de conhecerem formalmente conceitos geográficos, elas constroem experiências espaciais por meio de suas relações familiares, sociais e culturais. Sabem onde está sua casa, reconhecem caminhos, identificam lugares, estabelecem referências, percebem diferenças entre espaços e constroem relações de pertencimento. Essas experiências constituem o **espaço vivido**.

Trabalhar com o espaço vivido não significa limitar o ensino ao cotidiano imediato da criança. Ao contrário, o espaço vivido pode constituir um ponto de partida para ampliar a compreensão da realidade. Devemos destacar a importância de considerar a espacialidade vivida pelo aluno no ensino de Geografia. A realidade próxima pode ser problematizada e relacionada a processos que ocorrem em outras escalas.

Imagine, por exemplo, uma criança que observa o aumento de estabelecimentos comerciais no bairro onde mora. Essa observação pode levar a questões sobre consumo, trabalho, circulação, localização das atividades econômicas e transformação do espaço urbano. Uma experiência aparentemente local pode, portanto, abrir caminho para compreender processos mais amplos.

O lugar vivido pela criança não deve ser entendido como uma realidade isolada, mas como parte de redes e relações espaciais mais amplas. Essa perspectiva será importante ao longo deste Guia. Nos módulos posteriores, veremos como o espaço vivido pode ser relacionado à alfabetização cartográfica, à Geografia Rural e Urbana, à Geografia Econômica e à própria realidade regional de Rondônia.

Do espaço vivido ao pensamento geográfico

Se a criança já possui experiências espaciais, qual seria então o papel da escola? A escola tem a função de **sistematizar, ampliar e aprofundar** esses conhecimentos.

O estudante pode saber que determinado mercado fica perto de sua casa. O ensino de Geografia pode ajudá-lo a pensar por que esse mercado está localizado naquele lugar, quais pessoas o utilizam, de onde vêm os produtos comercializados, como eles chegam até ali e que relações econômicas estão envolvidas.

A criança pode saber que existe um rio próximo à sua comunidade. A escola pode ajudá-la a compreender sua importância, suas características, seus usos, suas transformações e os problemas ambientais relacionados a ele. A criança pode conhecer o caminho entre sua casa e a escola. A alfabetização cartográfica poderá ajudá-la a representar esse caminho, utilizar referências, compreender direções e desenvolver progressivamente noções de localização e orientação.

Dessa maneira, o conhecimento cotidiano não é substituído pelo conhecimento escolar. Ele é **ampliado e ressignificado**. Podemos representar esse movimento da seguinte forma:

Experiência cotidiana → observação → problematização → investigação → sistematização → construção de conceitos → compreensão do espaço

O percurso não precisa ocorrer sempre nessa ordem ou da mesma maneira. Ele representa uma possibilidade de compreender como a escola pode transformar experiências cotidianas em conhecimentos geográficos mais sistematizados.

O pensamento geográfico e a formação da criança

Aprender Geografia envolve mais do que saber localizar lugares. É necessário desenvolver maneiras de pensar sobre as relações espaciais. É necessário discutir a importância do raciocínio e do pensamento geográfico na formação dos estudantes, destacando a necessidade de trabalhar conhecimentos que permitam interpretar situações espaciais.

Nos Anos Iniciais, esse desenvolvimento acontece de maneira progressiva. Uma criança pode começar identificando um lugar e reconhecendo suas características. Posteriormente, poderá comparar esse lugar com outros, observar diferenças e semelhanças, compreender relações de localização, perceber transformações e formular explicações.

O desenvolvimento do pensamento geográfico está, portanto, relacionado à capacidade de fazer perguntas sobre o espaço e construir explicações para aquilo que nele acontece. Isso significa que uma boa aula de Geografia não precisa necessariamente começar com uma definição.

Pode começar com uma pergunta.

Pode começar com uma fotografia.

Pode começar com um mapa.

Pode começar com uma caminhada pelo entorno da escola.

Pode começar com uma situação observada pelos próprios estudantes.

O conhecimento conceitual será construído a partir da necessidade de compreender aquilo que está sendo investigado.

O professor pedagogo como mediador do conhecimento geográfico

Reconhecer a importância do conhecimento geográfico não significa desconsiderar os saberes que os professores pedagogos já possuem.

A pesquisa que originou este Guia demonstrou que os participantes desenvolveram diferentes estratégias ao longo de suas trajetórias profissionais. Alguns relataram buscar informações, utilizar diferentes recursos e adaptar suas práticas às necessidades dos estudantes.

Esses conhecimentos construídos na experiência são importantes e precisam ser valorizados. Ao mesmo tempo, a pesquisa também mostrou que nenhum dos participantes havia realizado formação continuada específica em Geografia, evidenciando uma oportunidade de aprofundamento que este Guia pretende contribuir para atender.

A formação continuada, nesse sentido, não partiu da ideia de que o professor “não sabe” Geografia. Ela reconhece os conhecimentos já existentes e buscou criar oportunidades para ampliá-los. O professor continua sendo pedagogo, continua trabalhando com crianças e continua responsável por diferentes áreas do conhecimento. O que se busca é fortalecer uma dimensão específica de sua prática: **o ensino de Geografia**.

Isso envolve ampliar seu repertório conceitual, compreender melhor os processos espaciais, conhecer possibilidades metodológicas e desenvolver maior segurança para selecionar, adaptar e mediar os conteúdos.

Caminhos para entender a Geografia



Elaborado com auxílio de inteligência artificial (OpenAI, 2026).

Ensinar Geografia para além da memorização

Uma das maiores contribuições que podemos oferecer ao ensino de Geografia nos Anos Iniciais é superar a ideia de que aprender Geografia significa memorizar informações. Conhecer nomes de estados, municípios, rios ou regiões pode ser necessário em determinadas situações. O problema aparece quando a memorização passa a ser o principal objetivo da aprendizagem.

Uma criança pode memorizar que Rondônia está localizada na Região Norte do Brasil e, ainda assim, não compreender as características do território rondoniense. Pode saber o nome de um rio e não compreender sua importância. Pode saber identificar os pontos cardeais e não conseguir utilizar essas

informações para se orientar.

Pode decorar o conceito de paisagem e não perceber as transformações que acontecem diariamente diante de seus olhos. Por isso, os conteúdos precisam estar relacionados a situações que permitam sua utilização.

Precisamos notar a importância de um ensino de Geografia que contribua para o desenvolvimento de conhecimentos capazes de orientar a compreensão da realidade. O conhecimento escolar ganha significado quando ajuda o estudante a interpretar situações concretas. Assim, podemos fazer uma pergunta simples ao planejar uma aula:

O que quero que meu aluno seja capaz de compreender com este conteúdo?

Essa pergunta pode mudar a forma como selecionamos atividades, recursos e estratégias.

A Orientação para entender a Geografia



Elaborado com auxílio de inteligência artificial (OpenAI, 2026).

Organizando as Ideias

Ao longo deste módulo, vimos que ensinar Geografia nos Anos Iniciais envolve muito mais do que transmitir informações sobre lugares. Podemos sintetizar nossa discussão em quatro ideias fundamentais:

1. A criança já possui experiências espaciais: Ela observa, percorre, identifica, compara e atribui significados aos lugares antes mesmo de estudar formalmente Geografia.

2. A escola sistematiza e amplia essas experiências: O conhecimento cotidiano constitui um ponto de partida para a construção de conhecimentos geográficos mais elaborados.

3. O professor precisa articular conhecimento geográfico e conhecimento pedagógico: Não basta conhecer o conteúdo. É necessário saber como transformá-lo em uma experiência de aprendizagem adequada às crianças.

4. Aprender Geografia significa desenvolver maneiras de compreender o espaço: O objetivo não é abandonar os conteúdos, mas utilizá-los para que os estudantes possam observar, questionar, interpretar e explicar situações espaciais.

Em síntese: o ensino de Geografia parte da realidade, mas não se limita a ela. Parte do conhecido para ampliar a compreensão do mundo.

Experimente e Produza

Agora que discutimos a importância do espaço vivido como ponto de partida para o ensino de Geografia, vamos experimentar essa perspectiva. Escolha um percurso cotidiano que você conhece bem. Pode ser o caminho entre sua casa e a escola, entre a escola e algum estabelecimento próximo ou qualquer outro trajeto que faça parte de sua rotina. Realize o percurso com um olhar diferente daquele que normalmente utiliza. Observe não apenas para chegar ao destino, mas para compreender o espaço.

Durante a observação, procure perceber como estão organizadas as construções, quais atividades econômicas aparecem, como as pessoas circulam,

quais elementos naturais estão presentes, que relações podem ser estabelecidas entre os diferentes lugares e quais transformações podem ser identificadas. Depois, registre suas observações da maneira que considerar mais adequada: por meio de um pequeno texto, desenho, croqui, esquema ou outra forma de representação.

Não se preocupe, neste momento, com produzir uma representação cartográfica tecnicamente correta. O objetivo é exercitar o olhar geográfico. Ao terminar, responda apenas a duas questões:

Que aspecto do espaço que você percorre diariamente passou a ser percebido de outra maneira?

Como essa experiência poderia se transformar em uma situação de aprendizagem para seus estudantes?

Guarde esse registro. Ele poderá ser retomado nos módulos posteriores.

Aplicando na Sala de Aula

As propostas apresentadas a seguir são sugestões elaboradas para este Guia. Elas podem ser adaptadas às características da turma, aos recursos disponíveis e à realidade de cada escola. A mesma temática — o espaço vivido — aparece nos diferentes anos escolares, mas com níveis progressivos de complexidade.

1º e 2º ANOS — Meu caminho até a escola

Nos primeiros anos, o trabalho pode partir das experiências espaciais mais próximas da criança. Converse com os estudantes sobre o caminho que realizam até a escola. Pergunte o que observam durante o percurso, quais lugares reconhecem e quais elementos utilizam como referência para saber onde estão.

Em seguida, solicite que cada criança desenhe seu caminho até a escola, representando alguns lugares que considera importantes. O objetivo não é produzir um mapa convencional. A atividade pretende revelar como a criança percebe e representa o espaço vivido.

No 1º ano, o professor pode valorizar principalmente as relações de proximidade, os lugares conhecidos e os pontos de referência. No 2º ano, pode ampliar o trabalho para trajetos, posições, direções e diferentes formas de localização.

A atividade pode constituir uma introdução para os conteúdos de lateralidade, localização e orientação espacial que serão aprofundados posteriormente neste Guia.

3º e 4º ANOS — Observando e representando o entorno da escola

Nos 3º e 4º anos, o professor pode ampliar a observação para o espaço próximo à escola. Os estudantes podem observar uma área do entorno e identificar elementos naturais, construções, ruas, estabelecimentos, espaços de circulação e outras características da paisagem.

A partir dessa observação, cada estudante ou dupla poderá produzir um croqui simples, utilizando símbolos próprios para representar alguns elementos. Depois, a turma poderá comparar as representações e discutir questões como:

O que todos perceberam?

O que apareceu somente em alguns desenhos?

Por que pessoas diferentes podem representar o mesmo espaço de maneiras diferentes?

Que elementos são importantes para localizar determinado lugar?

A atividade permite trabalhar simultaneamente observação, paisagem, representação espacial e localização.

5º ANO — Investigando a produção do espaço

No 5º ano, a proposta pode avançar da simples identificação dos elementos espaciais para a análise das relações que os produzem. Escolha um espaço conhecido pelos estudantes: o entorno da escola, uma rua, uma área comercial, uma praça, uma comunidade rural ou outro espaço significativo.

Os estudantes deverão observar os diferentes usos desse espaço e procurar compreender as relações estabelecidas entre sociedade, natureza, trabalho,

circulação e produção. A partir da observação, podem formular perguntas sobre o espaço. Por exemplo:

Por que determinadas atividades comerciais estão concentradas nessa área?

Por que algumas áreas são mais ocupadas do que outras?

Que mudanças ocorreram nesse espaço ao longo do tempo?

Quais atividades de trabalho podem ser observadas?

Como as pessoas e as mercadorias circulam?

O professor poderá utilizar fotografias, mapas, relatos de moradores, pesquisas ou outros recursos para ampliar a investigação. Nesse nível de ensino, a atividade já pode conduzir os estudantes a perceber que o espaço geográfico não é algo pronto ou estático, mas resultado de relações e transformações produzidas ao longo do tempo.

Refletindo sobre a Prática

Para concluir este módulo, retome a pergunta apresentada no início:

Quando você pensa em ensinar Geografia para crianças, o que considera mais importante que elas aprendam?

Agora, depois do estudo, observe sua resposta novamente.

Você manteria a mesma resposta?

Acrescentaria alguma coisa?

Modificaria alguma ideia?

Registre, de forma breve, em seu diário de formação:

Uma ideia sobre o ensino de Geografia que quero levar comigo deste módulo é:

Uma possibilidade que pretendo experimentar em minha prática é:

Para Continuar Nosso Percurso

Neste primeiro módulo, discutimos que a Geografia Escolar pode contribuir para que as crianças compreendam o espaço em que vivem e desenvolvam formas de pensar sobre as relações espaciais. Para isso, o professor precisa conhecer os

fundamentos geográficos que sustentam aquilo que ensina, mas também precisa compreender como esses conhecimentos podem ser transformados em experiências significativas para as crianças.

Nos próximos módulos, vamos aprofundar alguns desses conhecimentos. Começaremos pelo **espaço vivido, lugar e paisagem**, avançando posteriormente para a **alfabetização cartográfica**, na qual estudaremos aspectos como lateralidade, localização, orientação espacial e representação.

Depois, ampliaremos o percurso para temas relacionados à **natureza e à Biogeografia**, à **Geografia Rural e Urbana**, à **Geografia Econômica** e à **Geografia Regional de Rondônia**. Ao final, retomaremos esses conhecimentos para pensar o **planejamento e a prática pedagógica em Geografia**.

A proposta é construir, passo a passo, um repertório que ajude você a ensinar Geografia com maior segurança, sem perder de vista aquilo que constitui a especificidade do trabalho docente nos Anos Iniciais: **ensinar crianças a compreender o mundo em que vivem.**

Módulo 2 - Espaço vivido, lugar e paisagem

Conexão com a Pesquisa

Os conceitos de espaço vivido, lugar e paisagem ocupam posição importante no ensino de Geografia nos Anos Iniciais, pois permitem estabelecer relações entre os conhecimentos geográficos e as experiências cotidianas das crianças. A escolha deste módulo também está relacionada aos dados da pesquisa que fundamenta este produto educacional.

Entre os conteúdos mencionados pelos professores participantes estão a leitura de paisagens, formas de moradia, cidade e campo, recursos naturais e paisagens observadas em diferentes períodos. A presença desses conteúdos demonstra que os professores já desenvolvem, em suas práticas, atividades relacionadas à observação e à compreensão do espaço.

A pesquisa também revelou que alguns professores consideram os conhecimentos prévios dos estudantes durante o planejamento das aulas. P3 afirmou levar em conta aquilo que o aluno já sabe, enquanto P4 mencionou considerar os conhecimentos prévios dos alunos e utilizar recursos como vídeos, mapas e maquetes.

Essa prática reforça que a Geografia Escolar pode estar ancorada no cotidiano e na espacialidade vivida pelo aluno. Partir da realidade conhecida pela criança possibilita tornar os conceitos geográficos mais concretos e estabelecer relações entre aquilo que o estudante vivencia e os conhecimentos que a escola pretende sistematizar.

Entretanto, trabalhar com o cotidiano não significa apenas conversar sobre aquilo que a criança conhece. O desafio pedagógico consiste em utilizar a experiência cotidiana como ponto de partida para construir conhecimentos que permitam compreender as relações presentes no espaço.

Uma paisagem, por exemplo, pode inicialmente ser percebida apenas como aquilo que está diante dos olhos. No ensino de Geografia, entretanto, ela pode ser analisada como resultado de processos naturais e sociais, revelando marcas de diferentes tempos e diferentes formas de apropriação do espaço.

Da mesma maneira, o lugar não deve ser compreendido apenas como um ponto localizado no mapa. Ele envolve experiências, relações, pertencimentos, identidades e significados construídos pelas pessoas.

Este módulo busca, portanto, aprofundar três noções fundamentais para o trabalho pedagógico nos Anos Iniciais: **espaço vivido, lugar e paisagem**. O objetivo não é transformar esses conceitos em definições para serem memorizadas, mas oferecer ao professor elementos que permitam reconhecê-los e utilizá-los na construção de situações de aprendizagem.

Objetivos de Aprendizagem

Ao concluir este módulo, espera-se que você possa:

- ☑ Compreender as noções de espaço vivido, lugar e paisagem;
- ☑ Reconhecer as relações entre esses conceitos e as experiências cotidianas das crianças;
- ☑ Perceber a paisagem como resultado de processos naturais e sociais;
- ☑ Compreender o lugar como espaço de vivências, relações e significados; e
- ☑ Identificar possibilidades de trabalhar esses conceitos de maneira contextualizada nos Anos Iniciais.

Vamos Refletir



Observe, por alguns instantes, um lugar que faz parte da sua rotina. Pode ser sua escola, sua rua, sua casa, uma praça, um comércio ou outro espaço que você frequenta.

O que faz esse espaço ser reconhecido como um lugar para você?

Registre uma resposta breve no Diário de Formação.

Vamos Estudar

O espaço que vivemos

No módulo anterior, discutimos que a Geografia pode contribuir para que os estudantes desenvolvam maneiras de compreender o espaço em que vivem. Agora precisamos aprofundar essa ideia. O espaço não é simplesmente o cenário onde a vida acontece. Ele é produzido pelas relações estabelecidas entre sociedade e natureza e está em permanente transformação.

As casas, ruas, escolas, plantações, estabelecimentos comerciais, rios, áreas de vegetação, estradas e demais elementos que observamos no cotidiano fazem parte de um espaço que foi sendo construído e transformado ao longo do tempo. Quando uma comunidade constrói uma escola, quando uma estrada é aberta, quando uma área de vegetação é substituída por construções ou quando uma propriedade rural modifica sua produção, o espaço também se transforma.

Por isso, estudar o espaço geográfico significa procurar compreender **como ele é organizado, por quem, para quê e por meio de quais relações**. Nos Anos Iniciais, não é necessário apresentar essa discussão de maneira excessivamente abstrata. O professor pode partir de situações concretas. Uma pergunta como:

“Por que a escola está localizada neste lugar?”

pode abrir uma discussão sobre localização, acessibilidade, população, serviços públicos e organização do espaço. Da mesma forma:

“Por que existem mais casas nesta parte do bairro?”

pode levar a reflexões sobre ocupação, crescimento urbano e formas de uso do espaço. O espaço geográfico, portanto, pode ser compreendido por meio das situações que fazem parte da vida cotidiana.

Espaço vivido: aquilo que experimentamos

O conceito de **espaço vivido** está relacionado à maneira como as pessoas experimentam e estabelecem relações com os espaços de seu cotidiano. Para a criança, o espaço vivido pode envolver sua casa, a escola, o caminho que percorre, a rua onde brinca, a casa de familiares, a praça, o mercado, a igreja, o campo, o rio ou qualquer outro espaço que faça parte de sua experiência. Esses espaços não são apenas localizações.

Uma criança pode saber exatamente onde fica determinado lugar porque possui uma relação cotidiana com ele. Pode reconhecer uma rua pelo cheiro, pelo movimento, pelas pessoas, pelas casas ou por uma árvore que funciona como referência. Essas experiências são importantes para o ensino de Geografia porque constituem conhecimentos que a criança já possui antes da sistematização escolar.

O espaço Vivido



Elaborado com auxílio de inteligência artificial (OpenAI, 2026).

Deve-se enfatizar justamente a importância de considerar a espacialidade vivida pelo aluno no processo de construção do conhecimento geográfico. Isso não significa transformar a aula em uma conversa sobre experiências pessoais sem relação com o conhecimento científico. O papel da escola é justamente **partir**

dessas experiências e ampliá-las.

Imagine uma criança que afirma:

“Minha casa fica perto do mercado.”

O professor pode aproveitar essa afirmação para trabalhar relações de localização. Pode perguntar:

“Como você sabe que fica perto?”

“Que outros lugares existem entre sua casa e o mercado?”

“Existe outro caminho?”

“Como poderíamos representar esse percurso?”

A experiência cotidiana passa, então, a ser objeto de investigação geográfica.

Lugar: quando o espaço ganha significado

Embora os conceitos de espaço vivido e lugar estejam relacionados, eles não são sinônimos.

O **lugar** envolve uma dimensão de experiência, relação e significado. Um mesmo espaço pode ter diferentes significados para diferentes pessoas. A escola, por exemplo, pode ser um lugar de trabalho para o professor, de aprendizagem e convivência para o estudante, de trabalho para outros profissionais e de referência para as famílias.

A casa pode representar proteção, pertencimento, memória e relações familiares. Uma praça pode ser lugar de brincadeira para uma criança, de encontro para um grupo de pessoas e de trabalho para um vendedor. Essas diferentes experiências ajudam a compreender que o lugar não é definido somente por sua localização.

É necessário desenvolver uma Geografia capaz de possibilitar a leitura do mundo a partir da realidade vivida. O lugar constitui uma dimensão importante dessa leitura porque é nele que muitas relações sociais são experimentadas de maneira concreta.

No entanto, trabalhar o lugar na escola não significa ensinar apenas aquilo que é “próximo”. O lugar pode ser compreendido em relação a outros lugares. Um produto vendido no comércio local pode ter sido produzido em outro município ou estado. Uma família pode ter migrado de outra região. Uma estrada local pode estar relacionada a redes de circulação muito mais amplas.

Uma atividade econômica do município pode depender de mercados localizados em outras partes do país ou do mundo.

Assim, o lugar é simultaneamente **próximo e conectado**. É justamente essa possibilidade de estabelecer relações entre diferentes escalas que torna o conceito de lugar tão importante para a Geografia Escolar.

Paisagem: aquilo que podemos observar e interpretar

Entre os conceitos geográficos trabalhados nos Anos Iniciais, a paisagem ocupa lugar de destaque. No cotidiano, é comum utilizarmos a palavra "paisagem" para falar de uma vista bonita ou de uma imagem agradável. Na Geografia, entretanto, o conceito possui significado mais amplo.

A paisagem corresponde ao conjunto de elementos que podem ser percebidos por nossos sentidos e que revelam diferentes características e relações presentes em determinado espaço. Podemos perceber elementos naturais, como rios, vegetação, relevo e corpos d'água, e elementos construídos ou transformados pela sociedade, como casas, ruas, pontes, plantações, edifícios e equipamentos urbanos.

Mas observar uma paisagem não significa apenas identificar seus elementos. É preciso procurar compreender **como aquela paisagem se constituiu e o que suas características revelam sobre o espaço**.

Uma paisagem urbana com muitos prédios, avenidas e estabelecimentos comerciais revela determinadas formas de ocupação e uso do espaço. Uma paisagem rural com plantações, estradas e instalações produtivas revela relações relacionadas à produção, ao trabalho e à natureza. Uma paisagem com áreas de vegetação preservada pode revelar formas específicas de uso e proteção do território.

Dessa maneira, a paisagem pode ser compreendida como uma espécie de "porta de entrada" para a investigação geográfica.

A paisagem também conta histórias

Uma das possibilidades mais interessantes para o ensino de Geografia nos Anos Iniciais é trabalhar a paisagem em diferentes momentos.

As paisagens mudam. Uma rua que atualmente possui casas pode ter sido uma área de vegetação no passado. Uma área que hoje abriga estabelecimentos comerciais pode ter tido outro uso. Uma propriedade rural pode ter modificado sua produção ao longo dos anos.

Essas transformações deixam marcas. Ao comparar fotografias antigas e atuais de um mesmo lugar, por exemplo, os estudantes podem identificar permanências e mudanças. Essa atividade permite trabalhar uma dimensão fundamental do conceito de paisagem: **a paisagem apresenta marcas de diferentes tempos**.

Uma fotografia antiga pode mostrar uma estrada de terra onde hoje existe uma avenida. Uma imagem pode revelar uma área que anteriormente possuía poucas construções e que atualmente apresenta intensa ocupação.

Essas mudanças não acontecem por acaso. Elas estão relacionadas às necessidades da sociedade, às atividades econômicas, às decisões políticas, às tecnologias, às características naturais e às ações dos diferentes grupos sociais. A paisagem, portanto, pode ser lida como resultado de processos.

Paisagem natural ou paisagem transformada?

Nos primeiros anos escolares, é comum encontrarmos atividades que classificam paisagens como “naturais” ou “humanizadas”. Essa distinção pode ser utilizada como recurso didático inicial, desde que não leve à ideia de que existam espaços completamente separados entre natureza e sociedade. A sociedade transforma a natureza de diferentes maneiras, enquanto também depende de elementos e processos naturais.

Uma plantação, por exemplo, apresenta elementos naturais, mas também resulta de trabalho, técnicas, escolhas econômicas e formas de apropriação da terra. Uma cidade possui rios, relevo, vegetação e clima, mas esses elementos estão relacionados a ruas, construções, sistemas de transporte, redes de abastecimento e diferentes formas de ocupação. Por isso, mais importante do que simplesmente perguntar:

“Esta paisagem é natural ou humanizada?”

é perguntar:

“Que relações entre sociedade e natureza podemos identificar nesta paisagem?”

Essa segunda pergunta amplia o olhar geográfico da criança.

Paisagem e percepção

A paisagem pode ser observada por diferentes sentidos. Podemos olhar, ouvir, sentir cheiros, perceber texturas e identificar sons.

Em uma área urbana, por exemplo, podemos perceber o movimento de veículos, o som das pessoas, a presença de estabelecimentos comerciais e diferentes formas de circulação. Em uma área rural, podemos perceber sons de animais, máquinas, cursos d'água, vegetação e diferentes formas de produção.

Essa dimensão sensorial pode ser muito importante nos Anos Iniciais, porque aproxima o conhecimento geográfico da experiência concreta da criança. Uma atividade simples de observação do entorno da escola pode transformar-se em uma investigação:

O que vemos?

O que ouvimos?

Que cheiros percebemos?

Quais elementos naturais identificamos?

Quais elementos foram construídos pelas pessoas?

Que atividades estão acontecendo?

A partir dessas observações, o professor pode introduzir conceitos e aprofundar a análise.

Lugar e pertencimento

Outra dimensão importante do conceito de lugar é o sentimento de pertencimento. As pessoas constroem vínculos com os lugares por meio de suas experiências, memórias e relações.

Para uma criança, determinado lugar pode estar associado às brincadeiras, à família, aos amigos, à escola ou a acontecimentos importantes. Essa dimensão afetiva pode ser utilizada pedagogicamente. Perguntar:

"Qual lugar da sua comunidade é importante para você? Por quê?"

pode produzir respostas muito diferentes.

Algumas crianças podem mencionar a escola. Outras podem falar de uma praça, da casa dos avós, de uma propriedade rural, de um campo de futebol ou de

outro espaço. Essas respostas permitem discutir que os lugares possuem significados e que diferentes pessoas podem estabelecer relações distintas com o mesmo espaço. A atividade também pode contribuir para valorizar os conhecimentos e experiências dos estudantes.

Do lugar para outras escalas

Um dos cuidados importantes ao trabalhar o lugar é evitar que o ensino fique limitado ao espaço local. O lugar é um ponto de partida, não necessariamente um ponto de chegada. Quando estudamos um município, por exemplo, podemos perguntar como ele se relaciona com outros municípios.

Podemos investigar de onde vêm determinados produtos, para onde são transportados, quais estradas são utilizadas, para onde as pessoas se deslocam, quais serviços dependem de outras localidades e como as atividades econômicas locais se relacionam com outras escalas. Assim, a criança começa a perceber que seu lugar de vivência faz parte de redes mais amplas.

Essa perspectiva será importante nos próximos módulos, especialmente quando estudarmos Geografia Rural e Urbana e Geografia Econômica.

Organizando as Ideias

Os conceitos estudados estão profundamente relacionados. Podemos pensar em um percurso:

ESPAÇO GEOGRÁFICO

é produzido e transformado pelas relações entre sociedade e natureza.

↓

ESPAÇO VIVIDO

é experimentado pelas pessoas em suas práticas cotidianas.

↓

LUGAR

é espaço de vivências, relações, significados e pertencimentos.

↓

PAISAGEM

é aquilo que podemos perceber e interpretar, revelando diferentes elementos e processos presentes no espaço.

Esses conceitos não devem ser tratados como compartimentos isolados. Uma criança observa uma paisagem em seu bairro. Essa paisagem faz parte do espaço que ela vive. Alguns desses espaços tornam-se lugares significativos. E todos estão inseridos em relações espaciais mais amplas.

Para o ensino de Geografia, o mais importante não é que a criança memorize definições isoladas, mas que consiga utilizar esses conceitos para interpretar situações concretas.

Experimente e Produza

Uma paisagem, diferentes olhares

Escolha um lugar que faça parte do seu cotidiano e que você possa observar diretamente ou por meio de uma fotografia. Pode ser a escola, uma rua, uma praça, uma área rural, um estabelecimento comercial ou outro espaço conhecido.

Observe atentamente esse lugar. Em seguida, escreva um pequeno texto respondendo:

O que essa paisagem revela sobre o espaço?

Procure não apenas listar aquilo que você vê. Tente estabelecer relações.

Por exemplo, se observar uma área comercial, pense sobre as atividades que acontecem ali, a circulação das pessoas, as formas de construção, os meios de transporte e os elementos naturais presentes. Depois, imagine que você precisará trabalhar essa paisagem com uma turma dos Anos Iniciais.

Escolha **uma pergunta** que poderia ajudar as crianças a ultrapassar a simples descrição e começar a interpretar o que observam.

Guarde seu registro no Diário de Formação.

Aplicando na sala de aula

As propostas apresentadas a seguir foram elaboradas como possibilidades de trabalho para este Guia. Elas devem ser adaptadas às características dos estudantes, ao espaço disponível e aos recursos de cada escola.

1º E 2º ANOS — O lugar onde eu vivo

Nos primeiros anos, o professor pode trabalhar o conceito de lugar a partir dos espaços significativos para as crianças. Converse com os estudantes sobre lugares que fazem parte de suas vidas.

Em seguida, solicite que cada criança escolha um lugar importante e faça um desenho representando esse espaço. Depois, cada criança poderá explicar por que escolheu aquele lugar.

O professor pode registrar algumas respostas no quadro e conversar com a turma sobre as diferentes relações estabelecidas com os lugares. A atividade pode ser ampliada com perguntas simples:

O que existe nesse lugar?

Quem frequenta esse espaço?

O que você faz quando está lá?

O que faz esse lugar ser importante para você?

No 1º ano, o trabalho pode concentrar-se nas experiências e percepções das crianças. No 2º ano, pode avançar para a localização, os pontos de referência e as características do lugar escolhido.

3º E 4º ANOS — Paisagem de ontem e de hoje

Para os 3º e 4º anos, uma possibilidade é trabalhar as transformações da paisagem. O professor poderá selecionar fotografias antigas e atuais de um espaço conhecido pelos estudantes. Caso não seja possível encontrar fotografias antigas, podem ser utilizadas imagens de diferentes períodos disponíveis na comunidade, em acervos familiares ou em outros materiais acessíveis.

Os estudantes deverão observar as imagens e identificar permanências e mudanças. Depois, podem discutir:

O que permaneceu?

O que mudou?

Que elementos foram construídos?

Que elementos desapareceram?

O que pode ter provocado essas mudanças?

A atividade pode ser concluída com a produção de um pequeno texto comparativo.

O objetivo não é apenas reconhecer que “antes era diferente”, mas compreender que as paisagens se transformam ao longo do tempo e que essas transformações estão relacionadas às ações humanas e aos processos naturais.

5º ANO — Investigando o lugar e suas relações

No 5º ano, o professor pode ampliar o estudo do lugar para analisar as relações estabelecidas entre diferentes espaços.

Escolha um lugar significativo para a comunidade escolar, como uma feira, mercado, praça, área rural, estrada ou espaço de produção. Solicite aos estudantes que investiguem:

- ✓ quem utiliza esse espaço;
- ✓ quais atividades são realizadas;
- ✓ quais produtos circulam;
- ✓ de onde vêm esses produtos;
- ✓ para onde podem ser destinados;
- ✓ quais pessoas trabalham nesse espaço;
- ✓ como as pessoas chegam até ele;
- ✓ quais mudanças ocorreram nesse lugar.

A investigação pode utilizar observação, entrevistas, fotografias, mapas ou pesquisas. Ao final, os estudantes poderão produzir um texto ou uma representação que mostre como aquele lugar está relacionado a outros espaços.

Essa atividade cria uma ponte importante entre o conceito de lugar e conteúdos que serão aprofundados nos módulos de **Geografia Rural e Urbana e Geografia Econômica**.

Refletindo sobre a prática

Retome a pergunta apresentada no início do módulo:

O que faz um espaço ser reconhecido como um lugar para você?

Agora, pense em sua prática docente.

Complete:

Uma maneira de trabalhar espaço, lugar ou paisagem que gostaria de experimentar é _____

Para continuar nosso percurso

Neste módulo, aprofundamos três conceitos fundamentais para o ensino de Geografia nos Anos Iniciais: **espaço vivido, lugar e paisagem**.

Compreendemos que a criança possui experiências espaciais antes mesmo de estudar Geografia formalmente e que essas experiências podem constituir importantes pontos de partida para a construção do conhecimento escolar.

Também vimos que o lugar não é apenas uma localização. Ele envolve experiências, relações, significados e pertencimentos. A paisagem, por sua vez, pode ser observada, descrita e interpretada, revelando diferentes processos e marcas de tempos distintos.

Esses conhecimentos serão fundamentais para o próximo passo de nosso percurso. Se a criança conhece e vivencia os espaços, **como ela pode aprender a localizá-los, representá-los e orientar-se neles?** É a partir dessa questão que entraremos no próximo módulo:

Módulo 3 - Alfabetização cartográfica: lateralidade, localização, orientação e representação do espaço

Conexão com a Pesquisa

A alfabetização cartográfica constitui uma dimensão importante do ensino de Geografia nos Anos Iniciais, pois permite que os estudantes desenvolvam conhecimentos relacionados à localização, orientação e representação do espaço. A escolha deste módulo também está relacionada aos dados da pesquisa que fundamenta este produto educacional.

Entre os conteúdos mencionados pelos professores participantes da pesquisa estão localização, lateralidade, orientação espacial, mapas e imagens de satélite. A presença desses conteúdos demonstra que conhecimentos relacionados à cartografia já fazem parte das práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores.

Ao mesmo tempo, a pesquisa evidenciou diferentes níveis de segurança dos professores diante dos conhecimentos geográficos. Alguns participantes relataram compreender os conteúdos trabalhados, enquanto outros indicaram a necessidade de realizar pesquisas e buscar diferentes fontes quando surgiam dúvidas. Também foram identificadas dificuldades relacionadas a determinados conteúdos conceituais.

Nesse contexto, a alfabetização cartográfica merece atenção especial. Noções como direita e esquerda, localização, orientação e representação podem parecer simples quando observadas a partir da experiência adulta. Para a criança, entretanto, sua construção envolve diferentes aprendizagens relacionadas ao

corpo, ao espaço, às relações de posição, aos referenciais e às formas de representação.

A alfabetização cartográfica, portanto, não deve ser compreendida apenas como o ensino de mapas. Ela envolve a construção progressiva de conhecimentos que permitem ao estudante compreender e representar relações espaciais.

Esse entendimento mantém a perspectiva adotada nos módulos anteriores: o conhecimento cotidiano da criança constitui um importante ponto de partida, mas o papel da escola é ampliá-lo e sistematizá-lo. A criança pode conhecer o caminho entre sua casa e a escola, reconhecer lugares e utilizar referências para orientar-se. A Geografia Escolar pode transformar essas experiências em conhecimentos mais sistematizados sobre localização, orientação e representação.

O objetivo deste módulo é, portanto, oferecer ao professor pedagogo conhecimentos fundamentais para compreender a alfabetização cartográfica e suas possibilidades nos Anos Iniciais, sem transformar o estudo da cartografia em um conjunto de técnicas a serem simplesmente reproduzidas.

Objetivos de Aprendizagem

Ao concluir este módulo, espera-se que você possa:

- ☑ Compreender o significado da alfabetização cartográfica no ensino de Geografia;
- ☑ Reconhecer a importância das relações espaciais e da lateralidade na construção das noções de localização e orientação;
- ☑ Compreender o papel dos pontos de referência e das direções na organização espacial;
- ☑ Reconhecer a representação como uma forma de linguagem; compreender alguns elementos fundamentais da linguagem cartográfica; e
- ☑ Identificar possibilidades de desenvolver progressivamente esses conhecimentos nos diferentes anos dos Anos Iniciais.

Vamos Refletir



Antes de iniciar o estudo, retome uma situação bastante presente no cotidiano escolar: a necessidade de localizar um objeto, indicar um caminho ou explicar onde determinado lugar está. Pense em como você costuma fazer isso.

A resposta pode envolver gestos, palavras, pontos de referência, direções ou representações.

Registre brevemente no Diário de Formação uma situação de sua prática em que tenha trabalhado localização, orientação ou representação do espaço. Esse registro será retomado ao final do módulo.

Vamos Estudar

A alfabetização cartográfica no ensino de Geografia

A cartografia constitui uma linguagem utilizada para representar informações espaciais. Por meio dela, diferentes fenômenos e elementos podem ser localizados, organizados, comparados e interpretados. No ensino de Geografia, entretanto, o contato com a cartografia não deve ser reduzido à aprendizagem de símbolos ou à memorização de nomes e convenções. A criança precisa compreender gradualmente as relações espaciais que estão presentes nas representações.

Alfabetizar cartograficamente significa, nesse sentido, desenvolver condições para que o estudante possa compreender e utilizar representações espaciais. Esse processo está relacionado ao desenvolvimento do pensamento geográfico. É fundamental destacar a importância do raciocínio e do pensamento geográfico na formação dos estudantes, ressaltando que aprender Geografia envolve desenvolver maneiras de interpretar situações espaciais.

A cartografia contribui para esse processo porque permite representar relações que nem sempre podem ser compreendidas apenas pela observação direta. Um mapa, por exemplo, pode mostrar a localização de municípios, rios, estradas ou áreas de vegetação. Uma planta pode representar a organização de

uma sala. Um croqui pode apresentar um percurso. Uma imagem de satélite pode revelar características de uma determinada área.

Essas representações possibilitam observar o espaço de outras maneiras. Por isso, o trabalho cartográfico nos Anos Iniciais deve estar relacionado à construção progressiva da capacidade de observar, localizar, orientar, representar e interpretar.

O corpo e a construção das relações espaciais

A construção das noções espaciais começa nas experiências corporais e nas relações estabelecidas pela criança com os espaços que frequenta. Antes de utilizar mapas ou outras representações sistematizadas, a criança já desenvolve conhecimentos relacionados à posição dos objetos, aos deslocamentos e às relações de proximidade e distância.

Ela aprende, por exemplo, que determinados objetos estão perto ou longe, acima ou abaixo, dentro ou fora, à frente ou atrás. Essas noções são construídas por meio da experiência e vão sendo progressivamente organizadas.

O corpo constitui uma referência inicial importante nesse processo. Ao movimentar-se, a criança estabelece relações entre sua própria posição e os elementos que estão ao seu redor. A experiência corporal permite construir referências que posteriormente serão utilizadas em situações mais complexas de localização e orientação.

Esse aspecto é especialmente importante nos Anos Iniciais porque a aprendizagem espacial não acontece somente por meio da explicação verbal. Ela envolve percepção, movimento, observação e representação.

A escola pode contribuir para ampliar essas experiências, transformando-as em conhecimentos sistematizados. Nesse sentido, o trabalho com localização e orientação precisa considerar aquilo que a criança já consegue perceber e fazer, avançando gradualmente para relações espaciais mais complexas.

Lateralidade

A lateralidade está relacionada à construção de referências envolvendo os lados do corpo e às relações estabelecidas a partir dessas referências.

Direita e esquerda fazem parte de situações cotidianas e estão presentes em diferentes práticas escolares. Entretanto, compreender essas noções não significa simplesmente memorizar as palavras “direita” e “esquerda”. A criança precisa construir relações espaciais que permitam utilizar essas referências em diferentes situações.

Inicialmente, a referência pode estar relacionada ao próprio corpo. Progressivamente, entretanto, a criança precisa compreender que a localização de um elemento também depende da posição ocupada por quem observa. Essa questão é importante porque a lateralidade pode apresentar dificuldades quando a criança precisa transferir uma referência construída a partir do próprio corpo para objetos, pessoas ou representações.

O corpo e sua lateralidade



Elaborado com auxílio de inteligência artificial (OpenAI, 2026).

A mudança de posição modifica as relações percebidas. Uma pessoa observada de frente, por exemplo, estabelece uma relação espacial diferente daquela observada de costas ou ao lado.

Por essa razão, o ensino da lateralidade precisa estar relacionado à experiência espacial e à compreensão das relações entre diferentes posições, e não apenas à repetição de comandos.

Nos Anos Iniciais, atividades corporais, deslocamentos e representações simples podem contribuir para essa construção, especialmente quando articuladas a outras noções espaciais.

Localização e pontos de referência

Localizar significa identificar a posição de algo ou alguém em relação a determinado referencial. Na vida cotidiana, as pessoas utilizam diferentes referências para localizar-se. Uma escola, uma praça, uma ponte, uma árvore, uma rua ou outro elemento reconhecível pode funcionar como referência espacial.

As crianças também utilizam referências presentes em seus espaços de vivência. Uma referência pode ser significativa porque é facilmente reconhecida, porque está presente em um percurso habitual ou porque possui alguma característica que facilita sua identificação.

A localização, portanto, não ocorre de maneira isolada. Ela depende das relações estabelecidas entre aquilo que se pretende localizar e algum elemento tomado como referência. Esse aspecto é fundamental para compreender a passagem do espaço vivido para a representação.

A criança pode saber onde fica determinado lugar porque conhece o percurso, reconhece uma construção ou identifica um elemento da paisagem. A escola pode ampliar esse conhecimento, ajudando-a a compreender como diferentes referências podem ser organizadas para comunicar uma localização.

Nesse processo, o conceito de ponto de referência assume importância pedagógica. A criança passa gradualmente de uma localização baseada apenas na experiência pessoal para formas de localização que podem ser compreendidas também por outras pessoas.

Orientação espacial

Localização e orientação são conhecimentos relacionados, mas não equivalentes. A localização está relacionada à identificação da posição de determinado elemento. A orientação envolve a compreensão de direções e relações espaciais que permitem estabelecer deslocamentos e posicionamentos.

Quando uma pessoa indica um caminho, utiliza referências espaciais e informações direcionais. Nos primeiros anos escolares, essas relações podem ser trabalhadas a partir dos espaços conhecidos pelas crianças. Posteriormente, podem ser ampliadas com o uso de diferentes referências e, de acordo com o desenvolvimento dos estudantes, com sistemas convencionais de orientação.

Entre esses sistemas estão os pontos cardeais: norte, sul, leste e oeste. O conhecimento dos pontos cardeais possui importância para a orientação espacial e para a leitura cartográfica, mas sua aprendizagem não deve ser reduzida à memorização de quatro nomes.

É necessário compreender que os pontos cardeais constituem referências convencionais utilizadas para estabelecer direções e organizar a localização espacial. Essa compreensão ganha maior significado quando relacionada à leitura de mapas e a outras situações nas quais a orientação é necessária.

Do espaço vivido à representação

Uma das características mais importantes da alfabetização cartográfica é a passagem da experiência espacial para a representação. A criança vivencia determinado espaço, estabelece relações com ele e, posteriormente, pode representá-lo.

Essa representação não é uma reprodução exata da realidade. Ao desenhar um caminho, representar uma sala ou produzir um croqui, a criança seleciona determinados elementos e organiza-os de acordo com uma finalidade.

Esse processo envolve escolhas. Alguns elementos podem ser considerados importantes para a localização e, por isso, aparecerão na representação. Outros poderão ser omitidos. Assim, representar o espaço significa também selecionar e organizar informações espaciais. Essa compreensão é importante para que o professor não avalie uma representação infantil apenas pela sua semelhança visual com o espaço real.

É necessário observar o que a criança compreendeu sobre o espaço e como procurou comunicar essa compreensão. Uma representação pode ser simples e, ainda assim, revelar importantes conhecimentos sobre localização, percurso e organização espacial.

A representação como linguagem

A representação cartográfica pode ser compreendida como uma linguagem porque utiliza elementos gráficos para comunicar informações sobre o espaço. Mapas, plantas, croquis, imagens e outras representações possuem diferentes características, mas todos podem desempenhar a função de organizar e comunicar informações espaciais.

A leitura dessas representações exige que o estudante compreenda os códigos utilizados. Um símbolo, por exemplo, não representa o objeto de maneira literal. Ele possui um significado estabelecido dentro daquela representação.

A legenda contribui para a compreensão desses significados. O título informa o tema ou o conteúdo representado. As linhas, formas, cores e símbolos podem desempenhar diferentes funções. A orientação auxilia na compreensão das direções. A escala permite relacionar as dimensões representadas às dimensões do espaço real.

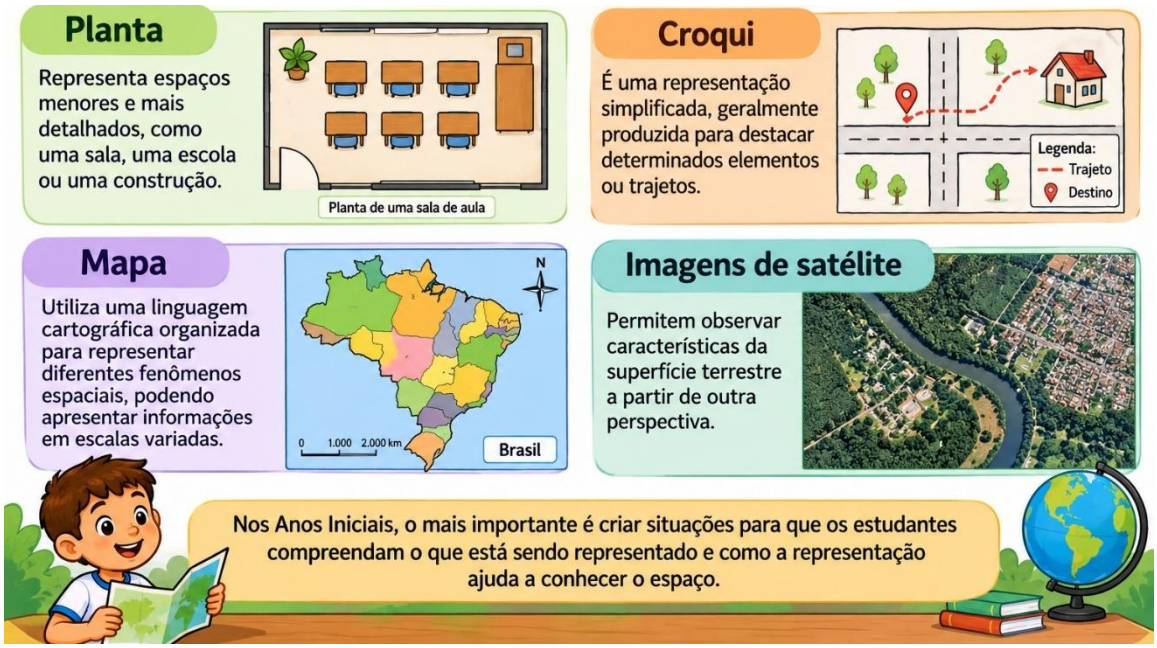
Esses elementos não precisam ser apresentados todos de uma vez aos estudantes. A alfabetização cartográfica acontece progressivamente, de acordo com as possibilidades de cada faixa etária e com os conhecimentos que os estudantes já construíram.

Mapas, plantas, croquis e outras representações

As diferentes formas de representação espacial possuem características e finalidades próprias.

A planta pode representar espaços menores e mais detalhados, como uma sala, uma escola ou uma construção. O croqui apresenta uma representação simplificada, geralmente produzida para destacar determinados elementos ou trajetos. O mapa utiliza uma linguagem cartográfica organizada para representar diferentes fenômenos espaciais, podendo apresentar informações em escalas e níveis de complexidade variados.

Conceitos de Planta, mapa, croqui e Imagens de Satélite



Elaborado com auxílio de inteligência artificial (OpenAI, 2026).

As imagens de satélite também constituem importantes recursos para o ensino, pois permitem observar características da superfície terrestre a partir de outra perspectiva. Nos Anos Iniciais, esses recursos podem ser utilizados de maneira progressiva. O importante não é apresentar uma quantidade grande de representações, mas criar condições para que os estudantes compreendam o que está sendo representado e como a representação permite conhecer o espaço.

A linguagem cartográfica e a leitura do espaço

A leitura cartográfica está relacionada à capacidade de extrair informações de uma representação e estabelecer relações espaciais a partir delas. Esse processo vai além de localizar um ponto no mapa. Uma leitura mais significativa pode envolver comparação, identificação de padrões, percepção de distribuição espacial e estabelecimento de relações entre diferentes elementos.

Por exemplo, observar a distribuição de estradas em determinado território pode permitir discutir circulação. Observar a localização de rios pode contribuir para compreender características da organização do espaço. Observar a distribuição de áreas urbanizadas pode levar à análise da ocupação territorial.

Assim, a cartografia deixa de ser apenas um recurso ilustrativo e passa a constituir uma linguagem para pensar geograficamente. Essa perspectiva é coerente com o percurso desenvolvido nos módulos anteriores, no qual os conhecimentos geográficos não são apresentados como conteúdos isolados, mas relacionados à compreensão das relações presentes no espaço.

A progressão da alfabetização cartográfica

A alfabetização cartográfica ocorre de maneira progressiva. Nos primeiros anos, o trabalho pode estar mais relacionado ao corpo, às posições, aos deslocamentos, às relações de proximidade e distância e aos espaços conhecidos. Posteriormente, podem ser ampliadas as experiências com trajetos, pontos de referência, representações, símbolos e legendas.

Nos anos finais dos Anos Iniciais, os estudantes podem trabalhar com mapas mais complexos, diferentes formas de representação, orientação, localização e interpretação de informações espaciais. Essa progressão não deve ser entendida como uma sequência rígida. As aprendizagens se relacionam e podem ser retomadas em diferentes momentos.

O que se modifica é o nível de complexidade das situações propostas. Uma mesma ideia, como localização, pode ser trabalhada no 1º ano a partir da posição de objetos em uma sala e, posteriormente, em representações do município, do estado, do Brasil ou de outros espaços. O conhecimento permanece relacionado ao mesmo princípio, mas a representação e o nível de abstração se ampliam.A cartografia como instrumento do pensamento geográfico

A alfabetização cartográfica ganha maior significado quando deixa de ser tratada como um conteúdo isolado. A finalidade do trabalho cartográfico é contribuir para que o estudante desenvolva maneiras de compreender o espaço.

O mapa pode ser utilizado para localizar, mas também para comparar, analisar, interpretar e estabelecer relações. Essa perspectiva aproxima a cartografia do desenvolvimento do pensamento geográfico discutido no Módulo I.

Aprender Geografia não significa apenas saber onde os lugares estão. Significa compreender relações espaciais e construir explicações para os fenômenos observados. A representação cartográfica pode contribuir para esse processo porque torna visíveis determinadas relações espaciais.

Desse modo, ensinar cartografia nos Anos Iniciais significa também ensinar uma maneira de olhar para o espaço.

A Geografia e o papel da orientação espacial



Elaborado com auxílio de inteligência artificial (OpenAI, 2026).

Organizando as ideias

A alfabetização cartográfica pode ser compreendida como um processo que articula diferentes aprendizagens:

CORPO E EXPERIÊNCIA ESPACIAL

↓

construção de referências e relações de posição

LATERALIDADE E RELAÇÕES ESPACIAIS

↓

compreensão progressiva de direita, esquerda e outras posições

LOCALIZAÇÃO

↓

utilização de referências para identificar posições

ORIENTAÇÃO

↓

compreensão de direções e deslocamentos

↓

REPRESENTAÇÃO

↓

transformação das experiências espaciais em formas gráficas

LINGUAGEM CARTOGRÁFICA

↓

utilização e interpretação de símbolos, legendas, orientação, escala e outros elementos

LEITURA DO ESPAÇO

↓

interpretação das relações espaciais representadas

Esses conhecimentos não devem ser compreendidos como etapas completamente separadas. Eles se articulam e são retomados ao longo da escolarização, com diferentes níveis de complexidade. A criança parte de experiências concretas e, progressivamente, amplia sua capacidade de compreender e representar espaços que não estão necessariamente diante de seus olhos.

Experimente e Produza

Representando um espaço conhecido

Escolha um espaço conhecido de sua realidade profissional, como a sala de aula, o pátio, a escola ou um pequeno percurso realizado cotidianamente.

Produza uma representação desse espaço considerando aquilo que seria necessário para que outra pessoa pudesse compreendê-lo. Depois, observe sua própria produção e identifique:

- ✓ quais elementos foram selecionados;
- ✓ quais elementos foram omitidos;
- ✓ quais referências foram utilizadas;
- ✓ como as posições foram organizadas;
- ✓ se existe alguma indicação de direção;
- ✓ de que maneira a representação comunica informações sobre o espaço.

Em seguida, pense em como essa experiência poderia ser transformada em uma situação de aprendizagem para os Anos Iniciais.

A proposta não precisa ser reproduzida exatamente como foi realizada pelo professor. O objetivo é perceber como uma experiência espacial pode ser transformada em uma atividade de alfabetização cartográfica.

Registre sua proposta no Diário de Formação.

Aplicando na sala de aula

A alfabetização cartográfica pode ser trabalhada desde os primeiros anos do Ensino Fundamental por meio de situações simples e progressivas. As atividades propostas a seguir partem de espaços conhecidos pelas crianças e avançam, gradualmente, para formas mais organizadas de localização, orientação e representação.

As propostas não precisam ser realizadas exatamente como apresentadas. O professor pode adaptá-las aos espaços disponíveis na escola e às características da turma.

1º E 2º ANOS — Onde está? Localizando objetos e pessoas

Proposta: O mapa da nossa sala

Objetivo: desenvolver noções de localização e relações espaciais a partir do espaço conhecido pelas crianças.

Materiais: objetos da própria sala, papel, lápis de escrever e lápis de cor.

Como fazer: Inicialmente, o professor deve organizar os estudantes para observar a sala de aula e identificar os principais elementos que fazem parte desse espaço: porta, janela, quadro, mesas, carteiras, armário, mesa do professor e outros objetos presentes. Em seguida, pode realizar uma exploração do espaço, destacando relações como perto e longe, dentro e fora, à frente e atrás, ao lado e entre. Depois dessa exploração, cada estudante deverá produzir um desenho da sala de aula, procurando representar os elementos que considera importantes para que outra pessoa consiga compreender como esse espaço está organizado.

Em um segundo momento, o professor poderá comparar as produções e conversar com a turma sobre as diferentes formas de representar o mesmo espaço. A atividade pode ser ampliada com a inclusão de uma pequena legenda. Por exemplo, os estudantes podem criar um símbolo para representar a porta, outro para representar as carteiras e outro para representar o quadro.

No 1º ano, a proposta pode concentrar-se principalmente na identificação dos elementos e nas relações de posição.

No 2º ano, pode avançar para a utilização de referências e símbolos na representação.

O que desenvolver: localização, relações espaciais, percepção do espaço vivido e representação.

3º E 4º ANOS — Representando um percurso

Proposta: O caminho pela escola

Objetivo: desenvolver a capacidade de localizar-se, identificar pontos de referência e representar um percurso.

Materiais: papel, lápis, lápis de cor e, se possível, pranchetas ou apoio para escrever durante o percurso.

Como fazer: O professor deverá escolher um percurso dentro da escola que seja conhecido pelos estudantes. Pode ser, por exemplo, o caminho da sala de aula até a biblioteca, a quadra, a secretaria, o refeitório ou outro espaço. Antes de iniciar a atividade, o professor deve explicar que a turma irá observar o percurso para posteriormente representá-lo.

Durante o deslocamento, os estudantes deverão identificar os elementos que podem funcionar como pontos de referência. Podem ser portas, salas, árvores, corredores, escadas, placas, espaços de convivência ou outros elementos facilmente reconhecidos.

Depois de realizar o percurso, cada estudante deverá produzir uma representação do caminho, procurando indicar:

- ✓ o ponto de partida;
- ✓ o destino;
- ✓ os principais pontos de referência;
- ✓ o caminho percorrido;
- ✓ as mudanças de direção.

O professor pode solicitar que os estudantes criem símbolos para alguns elementos e construam uma pequena legenda. Após a produção, as representações podem ser comparadas. O objetivo dessa comparação é perceber que diferentes estudantes podem representar o mesmo percurso de maneiras diferentes, selecionando elementos distintos.

Em uma segunda etapa, o professor pode trocar as representações entre os estudantes. Cada criança deverá tentar seguir, mentalmente ou no próprio espaço escolar, o percurso representado pelo colega. Essa etapa permite verificar se a representação conseguiu comunicar as informações necessárias para a localização.

No 3º ano, a atividade pode trabalhar principalmente pontos de referência, trajetos e representação.

No 4º ano, pode avançar para a utilização mais sistemática de símbolos, legenda e direções.

O que desenvolver: localização, orientação, pontos de referência, trajetos e representação espacial.

5º ANO — Lendo e produzindo um mapa

Proposta: O mapa do entorno da escola

Objetivo: desenvolver a leitura e a produção de representações cartográficas, relacionando localização, orientação e linguagem cartográfica.

Materiais: mapa simples do entorno da escola, folha de papel, lápis, régua e lápis de cor.

Como fazer: O professor deverá selecionar ou produzir uma representação simples do entorno da escola. A representação pode incluir a escola, algumas ruas, praças, rios, áreas de vegetação, estabelecimentos ou outros elementos relevantes para a realidade local.

Inicialmente, os estudantes deverão observar a representação e identificar seus principais elementos. O professor deverá apresentar e retomar alguns componentes da linguagem cartográfica, especialmente:

- ✓ título;
- ✓ símbolos;
- ✓ legenda;
- ✓ orientação;
- ✓ localização dos elementos.

Depois dessa leitura inicial, os estudantes deverão localizar alguns elementos indicados pelo professor. Em seguida, deverão produzir um croqui simplificado do entorno da escola, representando os elementos considerados mais importantes para a localização.

A produção deverá conter título, símbolos e legenda. Conforme o nível de aprendizagem da turma, o professor poderá introduzir também uma indicação de orientação e discutir a função da escala. Após a produção, os estudantes poderão trocar os croquis entre si e verificar se conseguem identificar os elementos representados pelos colegas.

A atividade pode ser ampliada com uma pequena investigação sobre o espaço representado. Os estudantes podem identificar, por exemplo, onde estão concentradas as moradias, quais áreas possuem maior circulação de pessoas, onde existem estabelecimentos comerciais ou quais elementos naturais aparecem na área representada.

Dessa maneira, o mapa deixa de ser apenas uma imagem para localização e passa a ser utilizado como instrumento para observar e interpretar o espaço geográfico.

O que desenvolver: leitura cartográfica, localização, orientação, símbolos, legenda, representação e interpretação do espaço.

UMA MESMA IDEIA, DIFERENTES NÍVEIS DE COMPLEXIDADE

As três propostas apresentam uma mesma lógica: **partir de um espaço conhecido para desenvolver progressivamente a capacidade de localizar, orientar e representar**.

No 1º e 2º anos, a criança começa observando e representando o espaço próximo.

No 3º e 4º anos, amplia esse conhecimento para a representação de percursos e a utilização de pontos de referência.

No 5º ano, passa a trabalhar de maneira mais sistemática com a linguagem cartográfica e com a interpretação das informações representadas.

Essa progressão permite que um mesmo conhecimento seja retomado ao longo dos Anos Iniciais com diferentes níveis de complexidade. O mais importante não é fazer com que a criança produza um mapa tecnicamente perfeito, mas possibilitar que ela compreenda que **representar o espaço é uma forma de organizar e comunicar informações.**

Módulo 4 - Natureza, Sociedade e Biogeografia

Conexão com a Pesquisa

Nos módulos anteriores, construímos alguns fundamentos importantes para o ensino de Geografia nos Anos Iniciais. Discutimos a importância de compreender o espaço geográfico, valorizamos o espaço vivido, o lugar e a paisagem e avançamos para a alfabetização cartográfica e a representação espacial. Agora, nosso olhar se volta para uma dimensão fundamental da Geografia: as relações entre natureza e sociedade.

Os conteúdos relacionados à natureza aparecem de maneira significativa nas práticas dos professores participantes da pesquisa. Entre os temas mencionados estão recursos naturais, vegetação, relevo, hidrografia, clima e meio ambiente. A análise dessas respostas permitiu identificar um eixo de Geografia Física e Dinâmicas Socioambientais, no qual os elementos da natureza são relacionados às ações humanas e às transformações do espaço.

Essa presença demonstra que estudar a natureza já faz parte do cotidiano escolar. Entretanto, existe uma questão importante: **como ensinar esses conteúdos sem transformar a Geografia em uma lista de elementos naturais para memorizar?**

Conhecer o nome de um rio, identificar diferentes tipos de vegetação ou reconhecer formas de relevo pode fazer parte da aprendizagem. O problema surge quando essas informações são apresentadas de maneira isolada, sem que os estudantes compreendam suas relações com os lugares onde vivem e com as atividades realizadas pela sociedade.

A Geografia nos ajuda a olhar para a natureza de outra maneira. Não se trata apenas de perguntar quais elementos naturais existem em determinado lugar, mas de compreender como eles se relacionam entre si, como condicionam determinadas atividades humanas, como são utilizados pela sociedade e como também são transformados pelas ações humanas.

É nessa perspectiva que entra a Biogeografia. Ao estudar a distribuição dos seres vivos e suas relações com as condições naturais e com as ações humanas, podemos compreender que vegetação, clima, relevo, água, solo e vida não aparecem como elementos isolados. Eles fazem parte de sistemas e processos que se relacionam e que também são modificados ao longo do tempo.

O objetivo deste módulo, portanto, não é transformar o pedagogo em especialista em Geografia Física ou Biogeografia. É oferecer conhecimentos essenciais para que possa compreender os conteúdos que ensina e, principalmente, possa transformá-los em experiências de aprendizagem adequadas às crianças.

Objetivos de Aprendizagem

Ao concluir este módulo, espera-se que você possa:

- ☑ Compreender a relação entre natureza e sociedade como parte da organização do espaço geográfico;
- ☑ Reconhecer as principais relações entre clima, relevo, água, solo e vegetação; compreender a importância dos recursos naturais e os diferentes usos realizados pela sociedade;
- ☑ Reconhecer a diversidade da vegetação e sua relação com as condições ambientais;
- ☑ Compreender, em uma perspectiva introdutória, o campo da Biogeografia;
- ☑ Perceber que os ambientes são dinâmicos e estão sujeitos a transformações naturais e sociais; e
- ☑ Desenvolver possibilidades de trabalhar esses conhecimentos com estudantes dos Anos Iniciais de forma contextualizada e investigativa.

Vamos Refletir

Quando você pensa em uma aula sobre natureza, quais conteúdos aparecem primeiro? Talvez você pense em rios, plantas, animais, relevo, clima ou recursos naturais.

Agora pense em uma situação da sua região em que natureza e sociedade estejam relacionadas. Pode ser um rio utilizado pela população, uma área de vegetação modificada, uma produção agrícola, uma situação de seca, uma enchente, uma área protegida ou qualquer outro exemplo.

Registre essa situação no Diário de Formação. Ao final do módulo, retomaremos sua resposta.

Vamos Estudar

Natureza e sociedade: uma relação que produz o espaço

Durante muito tempo, os estudos da natureza e da sociedade foram apresentados como se fossem campos completamente separados. De um lado estavam os elementos naturais; de outro, as ações humanas. Essa separação pode facilitar algumas classificações iniciais, mas não é suficiente para compreender o espaço geográfico.

A sociedade depende da natureza para obter água, alimentos, matérias-primas, energia e diversos outros recursos. Ao mesmo tempo, transforma os ambientes por meio da agricultura, da construção de cidades, da abertura de estradas, da exploração de recursos, da instalação de indústrias e de inúmeras outras atividades. Assim, a natureza está presente nos espaços produzidos pela sociedade, e as ações humanas modificam continuamente as condições naturais.

Essa relação pode ser observada em situações muito próximas das crianças. Uma cidade possui rios, córregos, relevo, vegetação e condições climáticas próprias, mas também possui ruas, casas, escolas, pontes, sistemas de abastecimento e diferentes formas de ocupação. Uma área agrícola possui solo, água, relevo e vegetação, mas também envolve trabalho, técnicas, máquinas, escolhas econômicas e formas de utilização da terra.

Por isso, ao trabalhar natureza nos Anos Iniciais, é importante evitar uma abordagem que apresente os elementos naturais como objetos isolados. O mais importante é ajudar a criança a perceber **relações**.

Essa perspectiva já apareceu no estudo da paisagem. Como vimos anteriormente, uma paisagem pode apresentar elementos naturais e elementos construídos pela sociedade, mas a análise geográfica procura compreender como esses elementos se relacionam e o que revelam sobre o espaço.

Os elementos naturais estão relacionados

Clima, relevo, água, solo e vegetação são frequentemente ensinados separadamente. Para fins didáticos, essa organização pode ser útil, mas é necessário mostrar aos estudantes que esses elementos formam relações.

O relevo interfere na circulação e no escoamento da água. O clima influencia a disponibilidade de água e as condições para o desenvolvimento de diferentes formas de vegetação. A vegetação, por sua vez, participa da proteção do solo e interfere na dinâmica da água. O solo está relacionado às características do relevo, ao clima, à vegetação e às atividades realizadas pela sociedade. Isso significa que uma mudança em determinado elemento pode produzir consequências sobre outros.

Em uma área onde a vegetação é retirada, por exemplo, o solo pode ficar mais exposto à ação da chuva. Dependendo das características do terreno, isso pode favorecer processos erosivos e alterar a circulação da água. Quando uma área urbana é intensamente impermeabilizada por ruas, calçadas e construções, a água da chuva passa a encontrar condições diferentes para infiltração e escoamento.

Essas relações não precisam ser apresentadas às crianças por meio de explicações excessivamente complexas. Podem ser investigadas a partir de situações concretas do cotidiano.

O clima e o tempo atmosférico

Entre os conteúdos de Geografia, clima e tempo atmosférico costumam gerar confusão. No cotidiano, usamos frequentemente as duas palavras como se fossem sinônimas, mas existe uma diferença importante.

O **tempo atmosférico** corresponde às condições da atmosfera em determinado momento ou período curto. Quando dizemos que hoje está chovendo, que a manhã está fria ou que a tarde está muito quente, estamos descrevendo condições do tempo.

O **clima**, por sua vez, está relacionado ao comportamento habitual das condições atmosféricas em determinada área ao longo de períodos mais longos.

Essa diferença pode ser trabalhada com as crianças a partir da observação cotidiana. A turma pode registrar durante alguns dias as condições do tempo e perceber que elas podem variar. Posteriormente, o professor pode explicar que o estudo do clima exige observar padrões que se repetem durante períodos muito mais longos.

Diferenças básicas entre tempo e clima



Elaborado com auxílio de inteligência artificial (OpenAI, 2026).

Para os Anos Iniciais, o objetivo não é aprofundar classificações climáticas complexas, mas construir uma compreensão inicial de que as condições atmosféricas variam no tempo e apresentam características que ajudam a compreender diferentes lugares.

A água e sua importância para a vida

A água é um dos elementos naturais mais importantes para a vida e para a organização das sociedades. Ela participa dos processos naturais e também é utilizada em atividades domésticas, agrícolas, industriais, comerciais e de geração de energia. Rios, córregos, lagos, nascentes e águas subterrâneas fazem parte das paisagens e possuem diferentes usos e formas de proteção.

O estudo da hidrografia pode começar com os cursos d'água conhecidos pelos estudantes. Em vez de apresentar apenas nomes de rios e localizações, o professor pode investigar com a turma como a água é utilizada, de onde vem a água consumida na comunidade, para onde vai a água da chuva e quais problemas podem afetar sua qualidade e disponibilidade. Essa abordagem transforma a água em um objeto de investigação geográfica.

Também é importante mostrar que os rios não existem isoladamente. Eles fazem parte de sistemas de drenagem e estão relacionados ao relevo, ao clima, ao solo, à vegetação e às ações humanas.

Uma nascente protegida por vegetação apresenta condições diferentes de um curso d'água localizado em uma área fortemente ocupada. A qualidade da água também pode ser influenciada pelo lançamento de resíduos, pelo esgoto, pelo uso do solo e por outras atividades humanas.

Relevo: muito mais do que formas da superfície

O relevo corresponde às diferentes formas que constituem a superfície terrestre. Montanhas, planaltos, planícies, depressões e outras formas fazem parte da organização do relevo.

Nos Anos Iniciais, é comum que o conteúdo seja apresentado por meio da identificação e classificação dessas formas. Essa aprendizagem pode ser importante, mas pode ser ampliada quando o professor relaciona o relevo às situações observadas no espaço vivido.

O relevo influencia a ocupação e o uso do espaço. Determinadas formas de relevo favorecem ou dificultam a construção de estradas, a ocupação urbana, a agricultura e outras atividades. Em áreas com declives acentuados, por exemplo, determinadas formas de ocupação podem apresentar maiores riscos quando não são acompanhadas de planejamento adequado.

Assim, o relevo não deve ser tratado apenas como uma forma desenhada em uma figura. Ele participa da organização dos lugares e estabelece relações com outras características naturais e sociais.

Solo: suporte da vida e da produção

O solo é outro elemento fundamental para compreender as relações entre natureza e sociedade. Ele participa do desenvolvimento da vegetação e é utilizado em atividades agrícolas, na construção e em diferentes formas de ocupação do espaço. As características dos solos variam de acordo com fatores naturais e com as formas de uso realizadas pela sociedade.

Quando o solo é utilizado sem cuidados adequados, pode sofrer processos de degradação, erosão e perda de fertilidade. A retirada da vegetação, o uso inadequado da terra, o pisoteio excessivo e determinadas práticas agrícolas podem contribuir para essas transformações.

Para as crianças, o estudo do solo pode ser realizado por meio de observação direta. Diferentes solos podem ser comparados quanto à cor, textura, umidade, presença de matéria orgânica e vegetação existente. A partir dessa experiência, o professor pode introduzir conhecimentos sobre a importância do solo e sobre a necessidade de sua conservação.

Vegetação e cobertura vegetal

A vegetação constitui uma das manifestações mais visíveis das relações entre os elementos naturais. Sua distribuição está relacionada às condições climáticas, ao relevo, à disponibilidade de água, às características do solo e a outros fatores.

No Brasil, encontramos diferentes formações vegetais, como Amazônia, Cerrado, Caatinga, Mata Atlântica, Pantanal e Pampa. Cada uma apresenta características próprias e está relacionada a determinadas condições ambientais.

Entretanto, essas formações não devem ser apresentadas como paisagens totalmente uniformes. Existem variações dentro de cada domínio vegetal e diferentes graus de transformação provocados pelas atividades humanas.

Para o ensino nos Anos Iniciais, é mais produtivo trabalhar a vegetação como parte de uma relação. Em vez de apenas memorizar nomes, os estudantes podem investigar por que determinadas plantas aparecem em certos ambientes, como a vegetação influencia o solo e a água, quais usos a sociedade faz das plantas e o que acontece quando a cobertura vegetal é retirada.

Os biomas brasileiros



Elaborado com auxílio de inteligência artificial (OpenAI, 2026).

Biogeografia: a distribuição da vida no espaço

A Biogeografia é o campo de estudo que busca compreender a distribuição dos seres vivos no espaço e as relações dessa distribuição com diferentes condições ambientais e processos históricos.

Para o pedagogo, uma compreensão introdutória desse campo já permite perceber que plantas e animais não estão distribuídos aleatoriamente pelo planeta. Sua presença está relacionada às condições de temperatura, umidade, disponibilidade de água, características do solo, relevo e às próprias relações entre os seres vivos.

Também é necessário considerar a ação humana. A ocupação de áreas naturais, a introdução de espécies em novos ambientes, o desmatamento, a fragmentação de habitats e outras transformações podem modificar a distribuição e as condições de vida de diferentes espécies.

Nos Anos Iniciais, não é necessário transformar a Biogeografia em uma disciplina especializada. O mais importante é desenvolver nas crianças a capacidade de perceber que **a vida apresenta diferentes distribuições e que essas distribuições estão relacionadas às características dos ambientes e às ações humanas**.

Biogeografia e a distribuição da vida na Terra



Elaborado com auxílio de inteligência artificial (OpenAI, 2026).

Uma atividade simples pode partir da observação das imagens de diferentes tipos de habitações tradicionais existentes pelo mundo e relacioná-las ao tipo de vegetação e clima predominante. O objetivo é mostrar, por exemplo, que é impossível construir uma maloca indígena típica do Brasil no Polo Norte com os materiais lá disponíveis, ou mesmo o contrário, pois, é impossível construir um iglu na Amazônia se utilizando de gelo e neve, já que na Amazônia não há nem gelo e neve naturalmente, e mesmo que fosse construído artificialmente, manter a construção seria difícil devido as altas temperaturas.

Biodiversidade

A diversidade de seres vivos constitui uma característica fundamental da vida na Terra. Quando falamos em biodiversidade, não estamos nos referindo apenas ao número de espécies, mas à diversidade da vida em diferentes níveis.

A biodiversidade pode ser percebida no cotidiano. Uma área de vegetação pode abrigar diferentes espécies de plantas, insetos, aves e outros animais. Mesmo um ambiente aparentemente simples pode apresentar diversas formas de vida. A perda de vegetação, a destruição de habitats, a poluição e outras transformações podem reduzir as condições necessárias para a existência de determinadas espécies.

O trabalho escolar pode contribuir para desenvolver uma percepção de que os seres vivos estão relacionados aos ambientes onde vivem. Uma árvore, por exemplo, não é apenas um elemento da paisagem. Ela pode oferecer abrigo e alimento para animais, contribuir para a proteção do solo, participar da circulação da água e interferir nas condições microclimáticas do local. Essa compreensão ajuda a superar uma visão fragmentada da natureza.

Recursos naturais e uso pela sociedade

Os recursos naturais são elementos da natureza utilizados pelas sociedades para diferentes finalidades. Água, solo, madeira, minerais e diferentes fontes de energia são exemplos de recursos utilizados em atividades humanas. Entretanto, é importante compreender que o uso dos recursos naturais não ocorre da mesma maneira em todos os lugares nem produz sempre as mesmas consequências.

Uma comunidade pode utilizar determinado recurso para atividades de subsistência, enquanto uma empresa pode utilizá-lo em uma atividade econômica de grande escala. Os usos também dependem das tecnologias disponíveis, das necessidades sociais, das decisões políticas e das condições econômicas.

Por isso, ensinar recursos naturais não deve significar apenas listar água, madeira, minerais e outros elementos. É necessário discutir **como são utilizados, por quem, para quais finalidades e com quais consequências**. Essa perspectiva permite relacionar natureza, trabalho, produção e organização do espaço.

Transformações ambientais

A sociedade transforma os ambientes de diferentes maneiras. Algumas transformações podem produzir efeitos positivos, como recuperação de áreasdegradadas, criação de unidades de conservação, reflorestamento e implantação de sistemas adequados de tratamento de água e resíduos.

Outras podem provocar impactos ambientais significativos, como desmatamento, queimadas, poluição da água, degradação do solo, ocupação inadequada de áreas de risco e redução de habitats. O conceito de impacto ambiental precisa, portanto, ser trabalhado considerando relações de causa e consequência.

Em vez de apresentar uma lista de problemas ambientais, o professor pode partir de uma situação concreta: **o que aconteceu com determinado lugar? O que provocou essa mudança? Quem utiliza esse espaço? Quais foram as consequências? Existem alternativas para reduzir ou evitar o problema?**

Essa forma de trabalhar favorece o desenvolvimento do pensamento geográfico e contribui para a formação socioambiental.

Natureza, território e cotidiano

Os elementos naturais também participam da organização dos territórios. A disponibilidade de água, as características do relevo, o clima, os solos e outros fatores influenciam a localização de atividades e formas de ocupação.

Entretanto, a natureza não determina sozinha aquilo que acontece no território. As sociedades utilizam técnicas e tecnologias para modificar condições naturais e adaptar-se a diferentes ambientes.

Uma estrada pode atravessar áreas com diferentes formas de relevo. Uma cidade pode ser construída em uma região com características naturais específicas. Uma área agrícola pode utilizar técnicas de irrigação para produzir em condições que apresentem menor disponibilidade natural de água.

Essa relação ajuda a compreender que natureza e sociedade não devem ser estudadas como realidades independentes. O espaço geográfico resulta justamente das relações estabelecidas entre elas.

Relação campo x cidade



Elaborado com auxílio de inteligência artificial (OpenAI, 2026).

Organizando as ideias

Podemos organizar os principais conceitos estudados a partir de uma relação:

NATUREZA

clima • água • relevo • solo • vegetação • fauna

↓

RELAÇÕES NATURAIS

água + solo + relevo + clima + vegetação + seres vivos

↓

SOCIEDADE

trabalho • técnicas • produção • ocupação • consumo • uso dos recursos

↓

TRANSFORMAÇÕES DO ESPAÇO

agricultura • cidades • estradas • exploração de recursos • conservação • impactos ambientais

↓

BIOGEOGRAFIA

↓

distribuição da vida • diversidade • ambientes • relações entre seres vivos e condições naturais • ação humana

O ponto central é compreender que **a natureza não aparece separada da sociedade no espaço geográfico**. Os elementos naturais possuem dinâmicas próprias, mas são continuamente relacionados às ações humanas.

Experimente e Produza

Investigando um ambiente próximo

Escolha um ambiente que possa ser observado diretamente ou por meio de fotografias. Pode ser o entorno da escola, uma praça, um quintal, uma área rural, uma margem de rio ou outro espaço conhecido. Realize uma observação procurando identificar:

- ✓ elementos naturais presentes;
- ✓ elementos construídos pelas pessoas;
- ✓ formas de vegetação;
- ✓ presença ou ausência de água;
- ✓ características do terreno;
- ✓ sinais de presença de animais;
- ✓ atividades humanas realizadas no local;
- ✓ mudanças provocadas pelas pessoas.

Depois, escolha **uma relação entre natureza e sociedade** observada nesse ambiente e explique-a em um pequeno texto.

Por exemplo: uma área de vegetação próxima a um curso d'água; uma plantação que depende do solo e da água; uma praça com árvores que influencia as condições do ambiente; ou uma área onde a retirada da vegetação modificou o solo.

A atividade deve ajudá-lo a perceber que ensinar natureza não significa apenas mostrar seus elementos, mas ajudar os estudantes a compreender as relações entre eles e a sociedade.

Aplicando na sala de aula

As propostas abaixo seguem uma progressão de complexidade. Nos primeiros anos, o trabalho concentra-se na observação e identificação. Nos anos seguintes, avança para comparação, explicação de relações e investigação de transformações.

1º E 2º ANOS — Observando a natureza no entorno

Proposta: O que existe ao nosso redor?

Objetivo: identificar elementos naturais presentes no ambiente próximo e perceber que as pessoas também transformam esse espaço.

Materiais: folhas de papel, lápis, lápis de cor e, se possível, pranchetas ou apoio para desenho.

Como fazer: O professor deverá escolher um espaço seguro no entorno da escola, como o pátio, jardim ou área próxima. Caso não seja possível realizar a observação externa, poderá utilizar fotografias do ambiente.

Antes da atividade, converse brevemente com a turma sobre aquilo que pode ser encontrado no espaço. Depois, conduza os estudantes para uma observação atenta. Cada criança deverá desenhar o espaço observado, procurando representar pelo menos **três elementos naturais** e **três elementos construídos ou modificados pelas pessoas**.

Após os desenhos, a turma deverá compartilhar as observações. O professor poderá registrar no quadro os elementos que apareceram com maior frequência e conversar sobre como eles se relacionam.

No 1º ano, a atividade pode concentrar-se na identificação e representação. No 2º ano, pode avançar para relações simples, como: para que servem as árvores? Onde encontramos água? O que acontece com o espaço quando construímos casas, calçadas ou ruas?

O que desenvolver: observação, identificação de elementos naturais e construídos e compreensão inicial das relações entre natureza e sociedade.

3º E 4º ANOS — Investigando a água no lugar onde vivemos

Proposta: De onde vem e para onde vai a água?

Objetivo: compreender a presença e a importância da água no espaço vivido e identificar algumas formas de uso e possíveis problemas relacionados a ela.

Materiais: papel, lápis, fotografias do município ou da comunidade e, se possível, um mapa simples da área estudada.

Como fazer: O professor deverá iniciar perguntando aos estudantes quais lugares onde existe água eles conhecem no município ou na comunidade. As respostas podem incluir rios, córregos, nascentes, poços, caixas-d'água, represas ou outros locais.

Em seguida, escolha um desses exemplos para investigar. A turma deverá procurar descobrir **onde está essa água, para que ela é utilizada, quem depende dela e quais situações podem comprometer sua qualidade ou disponibilidade**. Quando possível, a investigação pode ser complementada com observação direta, fotografias ou relatos de moradores.

Depois, os estudantes deverão produzir um pequeno registro contendo uma representação do local e um texto explicando sua importância. Como fechamento, a turma poderá discutir o que poderia ser feito para preservar aquele recurso.

O que desenvolver: observação do espaço, localização, uso dos recursos naturais, relações entre natureza e sociedade e consciência socioambiental.

5º ANO — Investigando uma transformação ambiental

Proposta: O que mudou nesse ambiente?

Objetivo: analisar uma transformação ocorrida em determinado espaço e compreender as relações entre ação humana, elementos naturais e consequências ambientais.

Materiais: duas fotografias de um mesmo local em períodos diferentes, quando disponíveis; mapa simples; papel; lápis e outros materiais para registro.

Como fazer: O professor deverá escolher um local que tenha passado por alguma transformação perceptível. Pode ser uma área onde houve retirada de vegetação, expansão de construções, alteração de um curso d'água, implantação de uma estrada, mudança no uso do solo ou outra transformação conhecida.

Apresente aos estudantes duas imagens do local em momentos diferentes. Se não houver fotografias disponíveis, podem ser utilizados relatos de moradores, imagens atuais e informações históricas.

Primeiro, os estudantes deverão identificar **o que mudou e o que permaneceu**. Depois, deverão procurar explicar:

- ✓ o que provocou a mudança;
- ✓ quais elementos naturais foram afetados;
- ✓ quais atividades humanas estão relacionadas ao processo;
- ✓ quais consequências podem ser observadas;
- ✓ se existem medidas para reduzir os impactos.

A turma deverá organizar as informações em um **painel "Antes e Depois"**, utilizando imagens, desenhos, pequenos textos e setas para indicar as principais transformações.

Como fechamento, cada grupo deverá apresentar sua análise e explicar a relação identificada entre natureza e sociedade.

O que desenvolver: análise da paisagem, comparação temporal, relações entre sociedade e natureza, impactos ambientais, argumentação e pensamento geográfico.

Refletindo sobre a prática

Retome a situação relacionada à natureza que você registrou no início do módulo. Depois do estudo, observe novamente essa situação e procure perceber se sua compreensão foi ampliada.

Registre no Diário de Formação:

O que eu observava nessa situação antes do estudo?

Que relações entre natureza e sociedade consigo perceber agora?

Como poderia transformar essa situação em uma experiência de aprendizagem para meus estudantes?

Para continuar nosso percurso

Neste módulo, estudamos a natureza não como um conjunto de elementos isolados, mas como parte das relações que constituem o espaço geográfico. Compreendemos que clima, água, relevo, solo, vegetação e seres vivos estabelecem relações entre si e que essas relações também são atravessadas pelas ações da sociedade.

Vimos ainda que os recursos naturais são utilizados de diferentes maneiras e que as atividades humanas podem produzir transformações nos ambientes. Isso não significa compreender a sociedade apenas como responsável por problemas ambientais. As sociedades também desenvolvem formas de conservação, recuperação e manejo dos ambientes.

A Biogeografia contribui para ampliar esse olhar ao possibilitar a compreensão da distribuição da vida no espaço e das relações entre os seres vivos, as condições ambientais e as transformações provocadas pelas sociedades. Para os Anos Iniciais, esse conhecimento pode começar com algo muito simples: **olhar para o lugar onde a criança vive e perguntar o que está acontecendo ali**.

Uma árvore pode levar à discussão sobre vegetação, solo, água, sombra e biodiversidade. Um rio pode levar à discussão sobre hidrografia, abastecimento, produção, circulação e impactos ambientais. Uma área de cultivo pode permitir compreender as relações entre solo, água, clima, trabalho e produção.

O conteúdo, portanto, não desaparece. Pelo contrário, ele ganha significado quando é colocado em relação com situações concretas. Essa perspectiva está de acordo com o que a pesquisa aponta sobre o ensino de Geografia nos Anos Iniciais: os conteúdos relacionados à natureza são amplamente trabalhados, mas precisam ser articulados a experiências pedagógicas que permitam aos estudantes compreender o espaço como uma construção dinâmica e relacionada à ação humana.

Ao longo deste Guia, estamos construindo justamente esse caminho: partir daquilo que a criança conhece, observar, comparar, investigar e, progressivamente, construir conceitos que permitam compreender relações mais amplas.

No próximo módulo, avançaremos para a **Geografia Rural e Urbana**. A partir do que estudamos aqui, poderemos compreender melhor como as sociedades utilizam a natureza em diferentes espaços, como se organizam as atividades no campo e na cidade e como esses espaços se relacionam por meio da produção, da circulação e do consumo.

Assim, a passagem para o próximo módulo não representa uma mudança brusca de assunto. Quando estudarmos campo e cidade, continuaremos analisando as relações entre sociedade, natureza e espaço geográfico.

Módulo 5 - Geografia Rural e Urbana

Conexão com a Pesquisa

Ao longo dos módulos anteriores, fomos ampliando nossa compreensão sobre o espaço geográfico. Partimos dos fundamentos da Geografia Escolar, passamos pelo espaço vivido, lugar e paisagem, avançamos para a alfabetização cartográfica e, posteriormente, discutimos as relações entre natureza, sociedade e Biogeografia. Neste módulo, damos continuidade a esse percurso abordando os espaços rural e urbano, procurando compreender não apenas suas características, mas principalmente as relações que se estabelecem entre eles.

A pesquisa que fundamenta este Guia mostrou que os professores dos Anos Iniciais trabalham uma diversidade de conteúdos geográficos, entre eles cidade e campo, atividades econômicas, população, recursos naturais, vegetação, relevo, hidrografia, mapas e imagens de satélite. Isso demonstra que os temas relacionados ao rural e ao urbano já fazem parte da prática escolar. O desafio, portanto, não é simplesmente acrescentar novos conteúdos, mas contribuir para que conceitos e temas que já aparecem no cotidiano docente sejam compreendidos de maneira mais articulada.

Campo e cidade fazem parte da experiência cotidiana das crianças de diferentes maneiras. Algumas vivem em áreas urbanas; outras vivem em áreas rurais; algumas convivem com atividades agrícolas ou pecuárias; outras observam diariamente o comércio, os serviços, as ruas e os diferentes fluxos da cidade. Mesmo quando a criança vive exclusivamente em um desses espaços, sua vida

está relacionada ao outro. O alimento consumido na cidade pode ter sido produzido no campo, enquanto a produção rural pode depender de máquinas, serviços, comércio, crédito, transporte e tecnologias presentes ou articulados aos espaços urbanos.

Por isso, este módulo não pretende apresentar campo e cidade como dois mundos separados. O objetivo é compreender que eles possuem características próprias, mas estão ligados por relações de produção, trabalho, circulação, consumo, serviços, tecnologia e informação. Essa perspectiva também dá continuidade a uma ideia importante dos módulos anteriores: o espaço vivido constitui um ponto de partida para o conhecimento geográfico, mas não deve ser compreendido como uma realidade isolada. Ele faz parte de redes e relações espaciais mais amplas.

Objetivos de Aprendizagem

Ao concluir este módulo, espera-se que você possa:

- ☑ Compreender o espaço rural e o espaço urbano como formas distintas de organização do espaço geográfico;
- ☑ Reconhecer a diversidade existente no campo e na cidade;
- ☑ Compreender as relações de produção, trabalho, circulação e consumo que aproximam esses espaços;
- ☑ Identificar transformações ocorridas nos espaços rural e urbano;
- ☑ Perceber que as características desses espaços não são fixas nem homogêneas; e
- ☑ Desenvolver possibilidades de trabalhar esses conhecimentos com os estudantes dos Anos Iniciais a partir de situações próximas de sua realidade.

Vamos Refletir



Antes de iniciar o estudo, pense em uma situação cotidiana que relacio
campo e cidade. Pode ser um alimento que chega à mesa, uma pessoa qu

desloca entre área rural e urbana, um produto comercializado em uma feira, uma estrada que liga diferentes comunidades ou qualquer outra situação que faça parte da realidade de sua região.

Registre essa situação no Diário de Formação. Não é necessário explicá-la ainda. Ao final do módulo, retomaremos esse registro para observar como os conhecimentos estudados podem ampliar sua compreensão sobre ela.

Vamos Estudar

O rural e o urbano como espaços geográficos

Quando falamos em campo e cidade, geralmente pensamos em algumas imagens bastante conhecidas. O campo costuma ser associado a plantações, criação de animais, estradas de terra, áreas de vegetação e propriedades rurais. A cidade, por sua vez, costuma ser associada a ruas, casas, prédios, comércio, veículos e grande concentração de pessoas. Essas imagens podem ajudar em uma primeira aproximação, mas são insuficientes para compreender geograficamente esses espaços.

O espaço rural não pode ser definido apenas pela presença de atividades agrícolas ou pela aparência de uma paisagem. Nele existem diferentes formas de trabalho, relações sociais, atividades econômicas, tecnologias, infraestruturas, formas de propriedade e maneiras de utilizar a natureza. Da mesma forma, o espaço urbano não é apenas um conjunto de construções. A cidade reúne moradias, comércio, serviços, indústrias, instituições, vias de circulação, espaços públicos e diferentes grupos sociais, organizados de maneiras diversas. Como discutimos no primeiro módulo, uma área rural precisa ser compreendida considerando relações de trabalho, produção, circulação, consumo, tecnologia, natureza e organização territorial.

Essa compreensão é importante porque tanto o rural quanto o urbano são espaços produzidos e transformados pelas sociedades ao longo do tempo. Suas características resultam de relações entre pessoas, atividades econômicas,

condições naturais, decisões políticas, tecnologias e diferentes formas de apropriação do território.

As relações de trabalho nos meios rurais e urbanos



Elaborado com auxílio de inteligência artificial (OpenAI, 2026).

A diversidade do espaço rural

O espaço rural é bastante diversificado. Existem áreas marcadas pela agricultura familiar, grandes propriedades produtoras de determinadas commodities, comunidades tradicionais, áreas de criação de animais, espaços destinados ao extrativismo, propriedades voltadas ao turismo e diferentes combinações entre produção, moradia e conservação ambiental. Também variam as formas de trabalho, as tecnologias utilizadas, os produtos cultivados e os destinos da produção.

A agricultura possui grande importância em muitas áreas rurais, mas não deve ser apresentada como única atividade do campo. A produção agrícola pode estar associada à criação de animais, ao beneficiamento de produtos, ao comércio, ao transporte e a diferentes serviços. Uma propriedade rural, por exemplo, pode produzir alimentos para consumo próprio e para comercialização, utilizar máquinas e tecnologias diversas e manter relações econômicas com empresas, cooperativas, mercados e consumidores localizados em outros lugares.

Essas diferenças precisam ser consideradas no ensino para que as crianças não construam uma imagem homogênea do campo. Uma fotografia de uma plantação pode representar apenas uma das muitas formas de organização do espaço rural. O professor pode ampliar essa percepção mostrando diferentes paisagens e situações, inclusive aquelas presentes na própria região dos estudantes.

A produção rural e o caminho dos produtos

Um dos caminhos mais interessantes para compreender o espaço rural é acompanhar a trajetória de um produto. Quando observamos um alimento em uma feira ou supermercado, normalmente vemos apenas a etapa final de um processo que começou em outro lugar.

Antes de chegar ao consumidor, um produto pode passar por diferentes etapas de produção, armazenamento, beneficiamento, transporte e comercialização. Em cada uma delas existem trabalhadores, equipamentos, empresas e serviços envolvidos. Um produto agrícola produzido em uma comunidade rural pode ser transportado para uma cidade próxima, passar por algum processo de beneficiamento e posteriormente chegar a outros municípios.

Essa trajetória mostra que a produção rural está conectada a redes mais amplas. Estradas, veículos, mercados, informações, tecnologias e serviços possibilitam a circulação dos produtos. Assim, o estudo do campo pode ser ampliado para compreender relações econômicas e espaciais que ultrapassam os limites da propriedade rural ou do município.

O espaço urbano e sua diversidade

Assim como o campo, a cidade apresenta diferentes formas de organização. Existem cidades pequenas, médias e grandes, com funções e níveis de influência distintos. Dentro de uma mesma cidade também encontramos diferentes bairros, atividades e condições de infraestrutura.

Em algumas áreas predominam residências; em outras, comércio e serviços; determinadas regiões podem concentrar atividades industriais, instituições públicas, espaços de lazer ou equipamentos de transporte. Existem ainda áreas com maior oferta de serviços e infraestrutura e outras que enfrentam dificuldades de acesso a equipamentos urbanos.

Essas diferenças mostram que a cidade não é um espaço homogêneo. Sua organização está relacionada à história de ocupação, às atividades econômicas, às decisões políticas, à valorização de determinadas áreas, à circulação e às condições sociais da população.

Por isso, ensinar Geografia Urbana nos Anos Iniciais não significa apenas identificar ruas, casas e prédios. É necessário ajudar os estudantes a perceberem como a cidade funciona, como seus espaços são utilizados e por que determinadas atividades e pessoas estão distribuídas de diferentes maneiras.

Trabalho, comércio e serviços na cidade

As cidades concentram grande variedade de atividades relacionadas ao trabalho. Comércio, escolas, hospitais, oficinas, bancos, restaurantes, órgãos públicos, empresas, indústrias e diversos serviços fazem parte da organização urbana. Essas atividades atendem à população local, mas algumas também atraem pessoas de outros bairros, municípios e regiões.

A localização dessas atividades também possui significado geográfico. Um comércio pode estar próximo de uma área de grande circulação de pessoas; uma indústria pode depender da proximidade de determinadas vias de transporte; um hospital pode atender uma população que ultrapassa os limites do bairro onde está localizado.

Observar essas situações ajuda a criança a perceber que a organização da cidade não ocorre ao acaso. As atividades ocupam determinados lugares porque existem relações entre localização, circulação, acesso, infraestrutura, população e necessidades sociais.

Campo e cidade: diferentes, mas interdependentes

A principal ideia deste módulo é compreender que rural e urbano possuem características próprias, mas não existem de forma isolada. Campo e cidade estabelecem relações permanentes por meio da produção, do trabalho, da circulação, do consumo e dos serviços.

A cidade recebe alimentos, matérias-primas e outros produtos provenientes de áreas rurais. O campo, por sua vez, utiliza máquinas, equipamentos, combustíveis, serviços financeiros, assistência técnica, comércio, transporte e outras estruturas que podem estar localizadas ou articuladas aos espaços urbanos. Pessoas também se deslocam entre esses espaços para trabalhar, estudar, utilizar serviços, comercializar produtos ou visitar familiares.

Essas relações podem ser percebidas em situações muito simples. Uma feira, por exemplo, reúne produtos produzidos em diferentes lugares e vendidos diretamente ou por meio de comerciantes. Uma estrada pode conectar comunidades rurais a uma cidade. Um mercado pode comercializar produtos produzidos em municípios distantes. Uma escola localizada na cidade pode receber estudantes que vivem em áreas rurais.

Essas situações mostram que campo e cidade fazem parte de um mesmo sistema de relações espaciais. Compreender essa interdependência é mais importante do que apenas memorizar características de uma paisagem rural ou urbana.

Produção, circulação e consumo

A relação entre campo e cidade pode ser compreendida de maneira ainda mais clara quando observamos o percurso das mercadorias. Produção, circulação e consumo são momentos relacionados de um mesmo processo.

Um alimento, por exemplo, precisa ser produzido, transportado e comercializado antes de chegar ao consumidor. Em cada etapa, diferentes espaços e trabalhadores participam do processo. Essa circulação estabelece conexões entre lugares que podem estar próximos ou muito distantes.

Essa abordagem é especialmente importante para os Anos Iniciais porque parte de algo conhecido pela criança. Em vez de iniciar pelo conceito abstrato de circulação, o professor pode começar com um produto concreto e investigar sua trajetória. A partir dessa investigação, conceitos como produção, transporte, comércio, consumo e relações entre campo e cidade passam a adquirir significado.

Essa metodologia está de acordo com a concepção do Guia de que o conhecimento cotidiano deve ser ampliado e ressignificado pelo conhecimento escolar. O percurso pode envolver experiência, observação, problematização, investigação, sistematização e construção de conceitos.

As redes que conectam os lugares

As relações entre campo e cidade não acontecem somente por meio do deslocamento físico de pessoas e mercadorias. Informações, dinheiro, tecnologias e decisões também circulam e conectam diferentes lugares.

Uma propriedade rural pode receber informações sobre preços, previsão do tempo ou técnicas de produção por meio de tecnologias de comunicação. Uma empresa localizada na cidade pode adquirir matéria-prima produzida em outro município.

Uma decisão tomada por uma empresa ou pelo poder público pode modificar atividades realizadas em áreas distantes.

Essas conexões mostram que os lugares fazem parte de redes. O município em que a criança vive não está separado do restante do território. Ele mantém relações com outros municípios, estados e, em determinadas situações, com espaços muito distantes. Essa compreensão retoma o estudo do lugar desenvolvido no Módulo II. O lugar é uma realidade concreta e vivida, mas também está inserido em relações espaciais mais amplas.

Transformação no espaço rural

O espaço rural está em constante transformação. Mudanças nas técnicas de produção, introdução de novas tecnologias, expansão ou redução de determinadas atividades econômicas, abertura de estradas, mudanças nas formas de propriedade e políticas de conservação ambiental podem alterar as paisagens e as relações de trabalho.

Em algumas áreas, a produção agrícola se intensifica e incorpora máquinas e novas tecnologias. Em outras, atividades tradicionais permanecem importantes. Também existem espaços onde áreas antes utilizadas para produção passam a ter outras funções, como moradia, lazer, conservação ou turismo.

Essas transformações não acontecem da mesma maneira em todos os lugares. Por isso, o professor pode utilizar fotografias antigas e atuais, relatos de moradores e observações do entorno para ajudar os estudantes a perceberem mudanças e permanências.

Transformação no espaço urbano

As cidades também estão em permanente transformação. Novos bairros podem surgir, áreas comerciais podem se expandir, antigas construções podem adquirir novas funções e novas vias de circulação podem modificar os deslocamentos da população.

Essas mudanças podem produzir melhorias, mas também podem gerar problemas. A expansão urbana pode aumentar a necessidade de transporte e infraestrutura, provocar ocupação de áreas ambientalmente frágeis, ampliar distâncias ou revelar desigualdades no acesso a serviços.

Por isso, estudar a cidade significa também compreender que seus espaços são produzidos de maneira desigual. Nem todas as pessoas têm as mesmas condições de acesso à moradia, ao transporte, à saúde, à educação, ao lazer e a outros serviços.

Nos Anos Iniciais, essas questões devem ser tratadas de acordo com a capacidade de compreensão das crianças, partindo de situações observáveis. Um exemplo pode ser a comparação entre dois bairros quanto à presença de praças, escolas, comércio, pavimentação ou transporte.

Rural e urbano no cotidiano das crianças

O estudo desses espaços ganha significado quando parte das experiências dos estudantes. Uma criança pode conhecer uma propriedade rural, frequentar uma feira, observar uma plantação durante uma viagem, morar em um bairro urbano ou conviver com familiares que trabalham no campo ou na cidade.

Essas experiências podem ser transformadas em situações de investigação. De onde vem determinado alimento? Quem trabalha para que ele chegue até nossa mesa? Como as pessoas se deslocam entre campo e cidade? Por que algumas atividades estão localizadas em determinadas áreas? Como o município mudou nos últimos anos?

Perguntas como essas ajudam a desenvolver o pensamento geográfico porque levam a criança a ultrapassar a simples observação e buscar explicações para aquilo que acontece no espaço. Como já discutimos no primeiro módulo, aprender Geografia envolve desenvolver maneiras de pensar sobre as relações espaciais, e não apenas memorizar informações.

Organizando as ideias

Podemos compreender o conteúdo deste módulo a partir de uma relação entre diferentes elementos:

ESPAÇO RURAL

produção • trabalho • agricultura • pecuária • extrativismo • tecnologia • natureza

↕

RELAÇÕES ESPACIAIS

circulação • transporte • informação • serviços • pessoas • mercadorias

↕

ESPAÇO URBANO

moradia • comércio • indústria • serviços • trabalho • instituições • circulação

Esses espaços são diferentes, mas estão relacionados por redes de produção, circulação e consumo. Ao mesmo tempo, ambos são transformados pelas ações das sociedades e pelas relações que estabelecem com a natureza.

A ideia central que deve permanecer é: **Campo e cidade possuem características próprias, mas fazem parte de um mesmo espaço geográfico e estabelecem relações permanentes entre si.**

Experimente e Produza

O percurso de um produto

Escolha um produto presente no cotidiano dos estudantes. Pode ser arroz, leite, café, mandioca, milho, feijão, fruta ou outro alimento comum na região.

A proposta é reconstruir, tanto quanto possível, o caminho desse produto desde sua produção até chegar ao consumidor. Organize a investigação a partir de quatro etapas:

Onde é produzido? → Como é transportado? → Onde é comercializado? → Quem o consome?

Depois, procure identificar quais trabalhadores e atividades participam desse percurso. Com as informações reunidas, produza uma representação do caminho realizado pelo produto.

Utilize setas, símbolos, nomes dos lugares e uma legenda quando necessário. Essa atividade retoma conhecimentos de alfabetização cartográfica trabalhados no Módulo III e permite relacioná-los aos conceitos de produção, circulação e consumo.

O objetivo não é apenas descobrir a origem de um produto, mas perceber que um objeto aparentemente simples pode estabelecer relações entre diferentes lugares e diferentes formas de trabalho.

Aplicando na sala de aula

As propostas foram organizadas em níveis crescentes de complexidade. Em todos os anos, o professor pode substituir os exemplos sugeridos por situações existentes no próprio município ou comunidade.

1º E 2º ANOS — Observando paisagens rurais e urbanas

Proposta: O que existe em cada espaço?

Objetivo: reconhecer características de paisagens rurais e urbanas e desenvolver a capacidade de observar e comparar diferentes espaços.

Materiais: duas fotografias ou imagens, uma representando uma paisagem rural e outra uma paisagem urbana; folhas de papel; lápis e lápis de cor.

Como fazer: O professor deverá apresentar as duas imagens para a turma e reservar um momento para observação. As crianças deverão identificar livremente os elementos presentes em cada paisagem. Depois, o professor poderá organizar coletivamente as observações, registrando no quadro aquilo que aparece em uma imagem, na outra ou nas duas.

No 1º ano, o trabalho pode concentrar-se na identificação e representação. Cada criança poderá escolher uma das imagens e desenhá-la, destacando os elementos que considera mais importantes.

No 2º ano, a comparação poderá ser aprofundada. Os estudantes podem organizar os elementos observados em dois grupos — características mais comuns na paisagem rural e características mais comuns na paisagem urbana — e depois discutir situações que aproximam esses espaços, como a produção de alimentos que chegam à cidade.

Ao final, a turma poderá construir coletivamente um painel com as duas paisagens e algumas relações existentes entre elas.

O que desenvolver: observação, comparação, leitura da paisagem e compreensão inicial das diferenças e relações entre rural e urbano.

3º E 4º ANOS — Investigando o caminho de um alimento

Proposta: De onde vem o que comemos?

Objetivo: compreender que os alimentos consumidos pelos estudantes podem envolver diferentes espaços, trabalhadores e etapas de circulação.

Materiais: embalagens ou imagens de alimentos; mapa simples da região; papel; lápis e lápis de cor.

Como fazer: O professor deverá escolher alguns alimentos presentes no cotidiano dos estudantes. Sempre que possível, pode utilizar produtos consumidos na própria escola ou na comunidade.

A turma deverá investigar onde cada produto é produzido e como chega até o local de consumo. As informações podem ser obtidas nas embalagens, em pesquisas orientadas ou por meio de conhecimentos trazidos pelas famílias. Depois, os estudantes deverão organizar as informações em um quadro contendo: **produto, local de produção, forma de transporte, local de comercialização e consumidor**.

Em seguida, utilizando um mapa, deverão representar o percurso de pelo menos um dos produtos. Quando não for possível localizar exatamente o município produtor, o professor poderá trabalhar com a ideia de região de origem.

Como fechamento, os estudantes deverão explicar por que esse percurso estabelece uma relação entre campo e cidade.

O que desenvolver: produção, circulação, consumo, localização, representação espacial e relações entre campo e cidade.

5º ANO — Investigando uma relação entre campo e cidade

Proposta: Como campo e cidade se relacionam em nosso município?

Objetivo: analisar uma relação concreta entre os espaços rural e urbano do município, considerando produção, trabalho, circulação e consumo.

Materiais: mapa do município ou da região; fotografias; informações locais; papel; lápis; e, quando possível, relatos de moradores ou familiares.

Como fazer: O professor deverá escolher uma atividade ou produto que permita observar a relação entre campo e cidade. Pode ser uma produção agrícola, uma feira, uma criação de animais, uma estrada utilizada para escoamento, um mercado que recebe produtos rurais ou outra situação significativa para a realidade local.

Os estudantes deverão investigar onde a atividade ocorre, quem participa dela, quais produtos ou serviços estão envolvidos, para onde são destinados e como circulam. Também deverão observar quais elementos urbanos participam desse processo, como comércio, transporte, armazenamento, serviços ou equipamentos.

O caminho da produção



Elaborado com auxílio de inteligência artificial (OpenAI, 2026).

As informações poderão ser obtidas por observação, entrevista, pesquisa em materiais disponíveis na escola ou consulta a mapas e fotografias.

Depois da investigação, os estudantes deverão produzir um **painel geográfico das relações entre campo e cidade**, contendo um mapa, imagens ou desenhos, setas de circulação e pequenos textos explicativos. Na apresentação, cada grupo deverá explicar a relação investigada e responder à questão central: **o que o campo oferece à cidade e o que a cidade oferece ao campo nessa situação?**

O professor deverá evitar que a atividade seja reduzida a uma resposta de troca simples. O objetivo é perceber que existem redes de produção, circulação, trabalho, serviços e consumo envolvendo diferentes lugares.

O que desenvolver: pensamento geográfico, análise espacial, produção, trabalho, circulação, consumo, relações campo-cidade e representação cartográfica.

Refletindo sobre a prática

Retome a situação que você registrou no início do módulo. Agora, depois do estudo, procure analisá-la utilizando alguns dos conceitos trabalhados. Registre no Diário de Formação:

O que eu compreendia sobre essa situação antes de estudar o módulo?

O que consigo compreender melhor agora?

Que conceito deste módulo pode ajudar meus estudantes a compreender essa situação?

Para continuar nosso percurso

Neste módulo, compreendemos que estudar Geografia Rural e Urbana significa muito mais do que reconhecer características de paisagens rurais e urbanas. O campo e a cidade são espaços geográficos produzidos e transformados pelas sociedades, apresentam diferentes formas de trabalho, produção e organização e mantêm relações permanentes por meio da circulação de pessoas, mercadorias, informações, tecnologias e serviços.

Também percebemos que nenhum desses espaços deve ser tratado como homogêneo. Existem diferentes formas de viver e trabalhar no campo e diferentes formas de organização dentro das cidades. As paisagens que observamos são resultado de processos históricos e continuam sendo transformadas.

Essa compreensão permite retomar um dos princípios que orientam este Guia: **o cotidiano da criança pode constituir o ponto de partida para o conhecimento geográfico, mas a função da escola é ampliar esse conhecimento e ajudá-la a compreender relações que não são imediatamente visíveis**.

Quando uma criança observa uma feira, por exemplo, ela pode inicialmente perceber apenas pessoas comprando e vendendo produtos. O ensino de Geografia pode ajudá-la a perguntar de onde vieram esses produtos, quem os produziu, como chegaram até ali, quais trabalhadores participaram desse processo e quais relações existem entre aquele espaço e outros lugares.

Da mesma maneira, observar uma plantação pode levar a compreender o trabalho realizado, os recursos utilizados, as formas de transporte, o destino da produção e as relações estabelecidas com a cidade. É dessa maneira que o conhecimento geográfico ultrapassa a memorização de características e passa a contribuir para a compreensão do mundo.

No próximo módulo, aprofundaremos algumas das relações que apareceram neste estudo ao tratar da **Geografia Econômica**. Produção, trabalho, circulação e consumo serão analisados de maneira mais ampla, permitindo compreender como as atividades econômicas participam da organização e da transformação do espaço geográfico.

Módulo 6 - Geografia Econômica: produção, trabalho e consumo

Conexão com a Pesquisa

Nos módulos anteriores, construímos um percurso que partiu dos fundamentos da Geografia Escolar e avançou para a compreensão do espaço vivido, do lugar e da paisagem, para a representação cartográfica, para as relações entre natureza e sociedade e, posteriormente, para os espaços rural e urbano. Neste módulo, aprofundaremos uma dimensão que já apareceu anteriormente, mas que agora será analisada de maneira mais específica: **a relação entre trabalho, produção, circulação, consumo e organização do espaço geográfico**.

A pesquisa realizada com os professores participantes demonstra que esses conteúdos já estão presentes na prática escolar. Entre os temas mencionados aparecem a relação entre campo e cidade, os setores da economia, a modernização, os meios de transporte e comunicação, o trabalho e a inovação tecnológica. Esses conteúdos foram agrupados na pesquisa no eixo de Geografia Humana, Econômica e Organização do Espaço, por estarem relacionados à compreensão das dinâmicas de produção e organização do espaço geográfico e à articulação entre diferentes escalas.

A presença desses temas no cotidiano docente revela, portanto, que existe uma preocupação em apresentar às crianças aspectos relacionados ao trabalho e às atividades econômicas. O desafio está em ultrapassar uma abordagem puramente classificatória. Ensinar que existem os setores primário, secundário e terciário, por exemplo, pode fazer parte do conteúdo, mas não é suficiente para que

o estudante compreenda como o trabalho e as atividades econômicas participam da produção do espaço.

A Geografia Econômica permite justamente ampliar esse olhar. Uma atividade econômica nunca acontece em um espaço vazio. Para produzir uma mercadoria ou oferecer um serviço são necessários trabalhadores, recursos, técnicas, equipamentos, infraestrutura, transporte, comunicação, mercados e diferentes relações entre lugares. Uma plantação, uma fábrica, um supermercado, uma feira, uma estrada ou uma plataforma de comércio eletrônico são expressões espaciais de relações econômicas que envolvem diferentes sujeitos e territórios.

Essa perspectiva também dá continuidade ao Módulo V. Quando estudamos o espaço rural e o espaço urbano, percebemos que campo e cidade estão ligados pela produção, circulação, trabalho, serviços e consumo. Agora, vamos aprofundar essas relações, procurando compreender como as atividades econômicas contribuem para transformar e organizar o espaço.

Para o professor dos Anos Iniciais, compreender esses fundamentos é importante porque muitas situações do cotidiano das crianças estão relacionadas à economia, ainda que elas não sejam percebidas dessa maneira. O alimento que chega à mesa, a roupa que utilizam, o transporte que utilizam para chegar à escola, o comércio existente no bairro, o trabalho realizado por seus familiares e os produtos encontrados em uma loja são situações que permitem construir conhecimentos geográficos.

Como discutimos desde o primeiro módulo, ensinar Geografia não significa apenas apresentar informações sobre lugares ou atividades. Significa ajudar os estudantes a compreenderem relações espaciais. As pessoas vivem, trabalham, circulam, produzem e consomem, e essas ações contribuem para transformar os lugares.

Objetivos de aprendizagem

Ao concluir este módulo, espera-se que você possa:

- ☑ Compreender o trabalho como elemento fundamental na produção e transformação do espaço geográfico;

- ☑ Reconhecer as principais atividades econômicas e suas relações; compreender, de forma introdutória, os setores da economia;
- ☑ Perceber as relações entre produção, circulação e consumo; reconhecer a importância dos meios de transporte e comunicação para a organização das atividades econômicas;
- ☑ Identificar transformações provocadas pela modernização e pelas tecnologias;
- ☑ Compreender que as atividades econômicas ocorrem de maneira diferenciada nos lugares e podem produzir desigualdades; e
- ☑ Desenvolver possibilidades de trabalhar esses conhecimentos com estudantes dos Anos Iniciais a partir de situações próximas de sua realidade.

Vamos Refletir



Pense em um produto que você utilizou hoje. Pode ser um alimento, uma peça de roupa, um material escolar, um aparelho eletrônico ou qualquer outro objeto. Antes de chegar até você, esse produto precisou ser produzido, transportado e comercializado. Diferentes pessoas participaram desse processo e diferentes lugares podem ter sido envolvidos.

Escolha um produto e registre no Diário de Formação aquilo que você já consegue imaginar sobre sua trajetória. Ao final do módulo, retomaremos essa situação para perceber quantas relações econômicas e espaciais estão presentes em um objeto aparentemente simples.

Vamos Estudar

A produção do espaço geográfico

Quando pensamos em trabalho, muitas vezes imaginamos uma profissão específica: professor, agricultor, motorista, vendedor, médico, pedreiro, enfermeiro ou tantas outras. Na Geografia, entretanto, o trabalho pode ser compreendido de

maneira mais ampla, como uma das formas pelas quais a sociedade produz e transforma o espaço.

As pessoas utilizam conhecimentos, técnicas, instrumentos e recursos para realizar diferentes atividades. Ao trabalhar, produzem bens, oferecem serviços, constroem infraestruturas, transportam mercadorias e participam de diferentes relações sociais e econômicas. Essas ações modificam os lugares e deixam marcas na paisagem.

Uma rua comercial, por exemplo, não é apenas um conjunto de estabelecimentos. Sua existência está relacionada ao trabalho das pessoas que produzem e vendem mercadorias, aos consumidores que circulam por ela, aos meios de transporte que permitem o acesso, aos serviços públicos que dão suporte à atividade e às decisões que organizaram aquele espaço.

Da mesma maneira, uma propriedade rural não pode ser compreendida apenas pela existência de uma plantação. É necessário considerar quem trabalha nela, quais técnicas são utilizadas, de onde vêm os equipamentos, para onde vai a produção e quais relações essa atividade estabelece com outros lugares.

Essa compreensão ajuda a superar uma ideia importante: **o espaço geográfico não está pronto**. Ele é continuamente produzido e transformado pelas relações estabelecidas entre sociedade e natureza.

Atividades econômicas e organização do espaço

As sociedades realizam diferentes atividades para produzir aquilo de que necessitam e para atender a diferentes necessidades. Agricultura, pecuária, extrativismo, indústria, comércio, transporte, comunicação, educação, saúde, turismo e serviços são alguns exemplos.

Essas atividades não se distribuem igualmente pelo território. Determinadas áreas apresentam condições favoráveis para a agricultura; outras concentram indústrias; algumas cidades possuem grande concentração de comércio e serviços; determinados lugares funcionam como importantes pontos de circulação de mercadorias e pessoas.

A localização de uma atividade econômica está relacionada a diferentes fatores. A disponibilidade de recursos naturais, a existência de mão de obra, o acesso aos transportes, a infraestrutura, os mercados consumidores, a tecnologia e as decisões políticas podem influenciar essa localização. Por isso, quando estudamos uma atividade econômica, também estamos estudando o espaço em que ela acontece.

No ensino dos Anos Iniciais, isso pode ser trabalhado a partir do próprio município. O professor pode observar com os estudantes quais são as principais atividades econômicas existentes, onde estão localizadas e como se relacionam com a vida da população.

Os setores da economia

Essa classificação pode ser útil como instrumento didático, desde que não seja apresentada como uma realidade rígida ou isolada.

O **setor primário** reúne atividades relacionadas diretamente à obtenção de recursos da natureza, como agricultura, pecuária, pesca e extrativismo.

O **setor secundário** está relacionado principalmente à transformação de matérias-primas em produtos, como ocorre nas atividades industriais e em determinados processos de beneficiamento.

O **setor terciário** envolve atividades de comércio e prestação de serviços, como transporte, educação, saúde, alimentação, comunicação, bancos, turismo e diversas outras atividades.

Os setores da economia



Elaborado com auxílio de inteligência artificial (OpenAI, 2026).

Na realidade, esses setores estão profundamente relacionados. Uma produção agrícola pode depender de máquinas fabricadas pela indústria, utilizar serviços de transporte para levar seus produtos ao mercado e depender de instituições financeiras ou tecnologias de comunicação. Uma indústria, por sua vez, necessita de matérias-primas, trabalhadores, energia, transporte e consumidores.

Por isso, a classificação em setores deve ser utilizada para organizar a compreensão, e não para separar artificialmente as atividades.

Produção, circulação e consumo

Toda mercadoria possui uma trajetória. Antes de chegar ao consumidor, ela participa de um processo que envolve produção, circulação e comercialização.

Podemos pensar, por exemplo, em um alimento. Primeiro, existe uma atividade produtiva que utiliza terra, água, trabalho, técnicas e equipamentos. Depois, o produto precisa ser armazenado e transportado. Em seguida, chega a um estabelecimento comercial ou a outro espaço de venda. Finalmente, é adquirido e utilizado pelo consumidor. Em cada etapa existem diferentes trabalhadores e espaços envolvidos.

Esse processo permite perceber que o consumo realizado em um lugar pode estar relacionado à produção realizada em outro. Um alimento comprado em uma pequena cidade pode ter sido produzido em uma área rural próxima ou em outro estado. Um aparelho eletrônico utilizado por uma criança pode ter sido produzido a milhares de quilômetros de distância. As mercadorias, portanto, conectam lugares.

Essa ideia é especialmente importante porque ajuda a criança a compreender que seu cotidiano está ligado a espaços que ela talvez nunca tenha visitado. O consumo cotidiano estabelece relações espaciais.

Os meios de transporte e a circulação

A circulação é fundamental para o funcionamento das atividades econômicas. Mercadorias precisam ser transportadas, trabalhadores precisam se deslocar e informações precisam circular.

Rodovias, ferrovias, hidrovias, portos, aeroportos e diferentes redes de transporte participam da organização do território. Cada modalidade apresenta características próprias e atende a diferentes necessidades.

No cotidiano dos estudantes, essas relações podem ser observadas em situações simples. O caminhão que abastece um mercado, o ônibus que transporta trabalhadores, a motocicleta utilizada para entregas ou a estrada que conecta uma comunidade rural à cidade são exemplos de como a circulação participa da organização do espaço.

O transporte também influencia a localização das atividades. Lugares com boas condições de acesso podem apresentar maior circulação de pessoas e mercadorias, favorecendo determinadas atividades comerciais ou industriais.

Assim, estudar transporte não significa apenas conhecer os diferentes meios existentes. Significa compreender por que as pessoas e as mercadorias circulam e como essa circulação transforma os lugares.

Comunicação, tecnologia e novas formas de circulação

Se os meios de transporte possibilitam a circulação de pessoas e mercadorias, os meios de comunicação permitem que informações circulem cada vez mais rapidamente.

Telefone, rádio, televisão, internet e diferentes tecnologias digitais modificaram as formas de comunicação entre pessoas e lugares. Essas mudanças também transformaram as atividades econômicas.

Hoje, uma compra pode ser realizada sem que o consumidor vá fisicamente a uma loja. Uma empresa pode contratar serviços de pessoas que estão em outra cidade ou até em outro país. Um agricultor pode receber informações sobre preços e condições meteorológicas por meio de tecnologias digitais. Essas transformações mostram que a economia não depende apenas da circulação física de objetos. Informações, conhecimentos, ordens, valores e decisões também circulam.

Para os estudantes dos Anos Iniciais, o objetivo não é aprofundar o funcionamento das redes digitais, mas perceber que a tecnologia modifica as relações entre os lugares e cria novas formas de trabalho, comércio e comunicação.

Modernização e transformação do trabalho

O trabalho se transforma ao longo do tempo. Novas tecnologias podem modificar a maneira como determinadas atividades são realizadas, aumentar a produtividade, reduzir determinadas tarefas ou criar novas ocupações.

No campo, por exemplo, máquinas e sistemas tecnológicos podem alterar as formas de plantio, colheita e acompanhamento da produção. Na indústria, a automação modifica processos de fabricação. No comércio, sistemas digitais e plataformas de venda criam novas formas de compra e venda.

Essas transformações podem produzir benefícios, mas também geram desafios. Algumas profissões deixam de existir ou passam por grandes mudanças, enquanto outras surgem. A necessidade de novos conhecimentos e habilidades também se modifica.

A evolução no mundo do trabalho



Elaborado com auxílio de inteligência artificial (OpenAI, 2026).

É importante que o ensino não apresente a modernização apenas como sinônimo de progresso. A análise geográfica permite perguntar quem tem acesso às novas tecnologias, onde elas estão disponíveis, quais mudanças produzem e quem se beneficia delas. Essa abordagem contribui para uma compreensão mais crítica das transformações econômicas.

O consumo no cotidiano

Consumir faz parte da vida cotidiana. As pessoas consomem alimentos, roupas, energia, água, serviços, meios de transporte, tecnologias e diversos outros produtos.

Entretanto, consumo não é simplesmente o ato de comprar. Ele está relacionado a necessidades, hábitos, condições econômicas, publicidade, cultura e diferentes formas de organização da sociedade.

As crianças convivem diariamente com mensagens publicitárias, marcas, embalagens e estímulos ao consumo. Por isso, o estudo do consumo pode contribuir para que compreendam de onde vêm os produtos, como são produzidos, quais recursos são utilizados e o que acontece depois que deixam de ser utilizados.

Essa abordagem também permite relacionar consumo e meio ambiente. O aumento do consumo pode significar maior utilização de matérias-primas, energia, água e transporte, além da geração de resíduos.

O objetivo da escola não deve ser ensinar a criança simplesmente a consumir menos ou a consumir determinados produtos, mas ajudá-la a compreender as relações existentes por trás dos objetos e serviços que fazem parte de sua vida.

Produção e natureza

Toda atividade econômica estabelece algum tipo de relação com a natureza. A agricultura utiliza solo e água; a indústria utiliza matérias-primas e energia; o transporte utiliza infraestrutura e combustíveis; diferentes serviços dependem de água, energia e espaços construídos. Por isso, economia e meio ambiente não devem ser estudados como assuntos separados.

Uma atividade econômica pode utilizar recursos naturais de maneira sustentável ou provocar diferentes impactos ambientais. Da mesma forma, tecnologias e políticas podem contribuir para reduzir impactos ou modificar formas de produção.

Esse tema retoma diretamente o conteúdo do Módulo IV. Naquele momento, discutimos que os recursos naturais são utilizados pela sociedade e que esse uso pode produzir transformações ambientais. Agora, podemos compreender que essas relações também fazem parte dos processos econômicos.

Essa continuidade é importante para o Guia porque mostra que os

conteúdos geográficos não são compartimentos isolados. Os conceitos estudados em um módulo reaparecem em outros contextos e vão adquirindo novos significados. Assim também é no dia a dia de uma sala de aula com os conteúdos que você irá trabalhar.

Desigualdade e organização econômica do espaço

As atividades econômicas não produzem os mesmos resultados para todas as pessoas ou para todos os lugares. Existem regiões com maior concentração de empregos, infraestrutura, indústrias e serviços, enquanto outras apresentam menor oferta dessas oportunidades.

Dentro de uma mesma cidade também podem existir diferenças importantes. Alguns bairros concentram comércio, serviços e equipamentos urbanos, enquanto outros apresentam menor oferta dessas estruturas. Essas desigualdades fazem parte da organização do espaço geográfico e podem ser percebidas pelas crianças em seu próprio cotidiano.

As desigualdades urbanas



Elaborado com auxílio de inteligência artificial (OpenAI, 2026).

No entanto, esse conteúdo precisa ser trabalhado de acordo com a idade dos estudantes. Nos Anos Iniciais, é possível começar pela comparação entre lugares próximos: dois bairros, duas áreas da cidade ou duas comunidades que apresentam diferenças de comércio, transporte, serviços ou infraestrutura.

O objetivo é desenvolver a percepção de que as condições de vida não são iguais em todos os lugares e que essas diferenças estão relacionadas à maneira como o espaço foi produzido e organizado.

A economia está presente no cotidiano

Uma das principais contribuições deste módulo é mostrar que a Geografia Econômica não precisa ser ensinada como um conteúdo distante da realidade infantil.

A criança pode compreender conceitos econômicos observando situações que fazem parte de sua rotina. Uma feira permite discutir produção e comércio. Um supermercado permite observar mercadorias, circulação e consumo. Uma fábrica pode revelar relações entre matéria-prima, trabalho, tecnologia e produção. Uma estrada permite compreender circulação. Uma profissão exercida por alguém da família pode ser o ponto de partida para discutir trabalho e atividades econômicas.

O professor pode transformar essas situações em objetos de investigação.

Em vez de perguntar apenas “qual é a profissão de seus pais?”, por exemplo, é possível investigar quais atividades são realizadas, onde acontecem, quais instrumentos são utilizados, com quem se relacionam e de que maneira contribuem para o funcionamento da comunidade.

Dessa forma, o estudante começa a compreender o trabalho não apenas como uma ocupação individual, mas como parte das relações que organizam o espaço.

Organizando as Ideias

Podemos sintetizar o percurso deste módulo a partir de uma sequência:

NATUREZA E RECURSOS

água - solo - matérias-primas - energia

↓

TRABALHO

produção - técnicas - conhecimentos - trabalhadores

↓

PRODUÇÃO

agricultura - pecuária - indústria - comércio - serviços

↓

CIRCULAÇÃO

transportes - comunicação - redes - fluxos

↓

CONSUMO

necessidades - escolhas - mercadorias - serviços

↓

TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO

infraestrutura - cidades - áreas produtivas - redes - desigualdades

Essas etapas não acontecem de forma isolada. Elas formam relações que conectam diferentes lugares e participam continuamente da produção do espaço geográfico. A ideia central que deve permanecer é: **As atividades econômicas são realizadas por pessoas, utilizam recursos e técnicas, conectam diferentes lugares e contribuem para transformar e organizar o espaço geográfico.**

Experimente e produza

A trajetória de um produto

Retome o produto escolhido no início do módulo. Agora, procure reconstruir sua trajetória de maneira mais detalhada.

Organize a investigação a partir das seguintes etapas:

Onde é produzido? → Que matérias-primas são utilizadas? → Quem trabalha na produção? → Como o produto é transformado? → Como é transportado? → Onde é vendido? → Quem o consome?

Não é necessário conseguir responder a todas as questões. O objetivo é perceber quantos processos e lugares podem estar envolvidos na existência de um único produto. Depois, represente essa trajetória utilizando um esquema ou mapa. Use setas para mostrar os deslocamentos e identifique, quando possível, os lugares envolvidos.

Para concluir, escreva um pequeno texto explicando o que você descobriu sobre as relações entre trabalho, produção, circulação e consumo.

Essa atividade pode posteriormente ser adaptada para os estudantes, utilizando um produto conhecido na comunidade.

Aplicando na sala de aula

As propostas foram organizadas considerando a progressão das aprendizagens. Nos primeiros anos, o trabalho parte das profissões e das atividades observadas no cotidiano. Nos anos seguintes, avança para a trajetória das mercadorias e, no 5º ano, para a análise das relações econômicas presentes no espaço local.

1º E 2º ANOS — Trabalho e atividades do cotidiano

Proposta: Quem trabalha em nossa comunidade?

Objetivo: reconhecer diferentes formas de trabalho e perceber que as atividades realizadas pelas pessoas contribuem para o funcionamento da comunidade.

Materiais: folhas de papel, lápis de cor e, se possível, fotografias de diferentes trabalhadores.

Como fazer: O professor deverá selecionar imagens de pessoas realizando diferentes atividades profissionais presentes ou conhecidas pelos estudantes. Podem aparecer agricultores, vendedores, motoristas, professores, profissionais da saúde, trabalhadores da construção, cozinheiros, entregadores, comerciantes e outros. Depois da observação, cada estudante deverá escolher uma atividade e representá-la por meio de desenho.

Em seguida, a turma deverá organizar os desenhos em um painel coletivo. O professor poderá agrupar as atividades de acordo com o tipo de trabalho realizado, sem exigir dos estudantes uma classificação formal dos setores da economia.

O objetivo é mostrar que diferentes trabalhos são necessários para a vida em comunidade e que eles acontecem em diferentes lugares.

Ocupações e profissões



Elaborado com auxílio de inteligência artificial (OpenAI, 2026).

No 1º ano, a atividade pode concentrar-se no reconhecimento e representação das profissões. No 2º ano, pode avançar para a identificação do local onde cada atividade é realizada e para a discussão sobre os materiais, instrumentos ou produtos envolvidos.

O que desenvolver: reconhecimento do trabalho, observação, representação e compreensão das relações entre trabalho e vida cotidiana.

3º E 4º ANOS — Investigando a trajetória de uma mercadoria

Proposta: Como este produto chegou até nós?

Objetivo: compreender que uma mercadoria passa por diferentes etapas e espaços antes de chegar ao consumidor.

Materiais: embalagens de produtos, fotografias, papel, lápis e mapa simples do município ou da região.

Como fazer: O professor deverá solicitar que os estudantes tragam embalagens de produtos consumidos em casa ou poderá selecionar alguns produtos disponíveis na escola.

Cada grupo deverá escolher um produto e investigar sua origem. A partir das informações disponíveis na embalagem e de pesquisa orientada, os estudantes deverão descobrir, quando possível, onde o produto foi produzido ou beneficiado.

Depois, deverão identificar as etapas conhecidas de sua trajetória: produção, transformação, transporte, comercialização e consumo.

As informações deverão ser organizadas em um esquema e, quando houver dados suficientes, representadas em um mapa com setas indicando o deslocamento. Ao final, cada grupo deverá apresentar sua trajetória para a turma e explicar quais trabalhadores e atividades econômicas participaram do processo.

O professor deverá destacar que o produto consumido localmente pode estabelecer relações com outros municípios, estados ou países.

O que desenvolver: produção, circulação, comércio, consumo, localização, representação espacial e relações entre diferentes lugares.

5º ANO — Analisando uma atividade econômica do município

Proposta: Como uma atividade econômica transforma o lugar?

Objetivo: analisar uma atividade econômica existente no município e compreender suas relações com trabalho, natureza, circulação, tecnologia e organização do espaço.

Materiais: mapa do município, fotografias, informações locais, papel e recursos para produção de um painel.

Como fazer: O professor deverá escolher, juntamente com a turma, uma atividade econômica significativa para o município ou para a região. Pode ser agricultura, pecuária, comércio, indústria, extrativismo, turismo, transporte ou outra atividade relevante.

Os estudantes deverão investigar onde essa atividade ocorre, quais trabalhadores participam dela, quais recursos são utilizados, quais produtos ou serviços são gerados, como ocorre a circulação e para onde se destinam os produtos ou serviços.

Também deverão observar as relações dessa atividade com a natureza e com a infraestrutura local. Caso seja uma atividade rural, por exemplo, podem ser analisadas as relações com solo, água, transporte e comércio. Caso seja uma atividade urbana, podem ser observados localização, circulação de pessoas, serviços e infraestrutura.

Depois da investigação, os grupos deverão produzir um **painel da atividade econômica**, contendo:

- ✓ localização da atividade;
- ✓ trabalhadores envolvidos;
- ✓ recursos utilizados;
- ✓ produtos ou serviços gerados;
- ✓ formas de circulação;
- ✓ lugares relacionados à atividade;
- ✓ transformações provocadas no espaço.

Mapeando as atividades econômicas



Elaborado com auxílio de inteligência artificial (OpenAI, 2026).

O painel deverá ser apresentado à turma.

Como fechamento, os estudantes deverão explicar de que maneira aquela atividade contribui para a organização do espaço do município e quais transformações ela produz.

O que desenvolver: pensamento geográfico, análise espacial, trabalho, produção, circulação, consumo, relações sociedade-natureza e organização do espaço.

Refletindo sobre a prática

Retome o produto escolhido no início do módulo. Compare sua compreensão inicial com aquilo que você consegue perceber agora. No Diário de Formação, registre:

Que relações eu não percebia antes entre o produto e o espaço geográfico?

Que conceito deste módulo considero mais importante para trabalhar com meus estudantes?

Qual atividade proposta neste módulo poderia ser adaptada à realidade da minha turma?

Para continuar nosso percurso

Neste módulo, compreendemos que a Geografia Econômica não se limita ao estudo de profissões, empresas ou setores da economia. Seu objetivo, no contexto deste Guia, é ajudar-nos a compreender como trabalho, produção, circulação, consumo, tecnologia e recursos naturais participam da organização e transformação do espaço geográfico.

Percebemos também que uma atividade econômica nunca está isolada. Uma produção agrícola pode depender da indústria, dos transportes, dos serviços e do comércio. Uma indústria depende de matérias-primas, trabalhadores, energia, infraestrutura e mercados. O comércio depende da circulação de mercadorias e consumidores. Os serviços também estão distribuídos espacialmente e atendem a populações localizadas em diferentes lugares.

Essa perspectiva permite compreender por que o espaço é tão importante para a Geografia Econômica. As atividades acontecem em lugares concretos e estabelecem relações com outros lugares. Uma estrada pode aproximar uma comunidade de um mercado. Uma nova tecnologia pode modificar uma atividade de trabalho. A instalação de uma empresa pode alterar a paisagem e a circulação de pessoas. Uma mudança na produção pode modificar o uso do solo.

O estudo desses processos ajuda a criança a compreender que os espaços que ela utiliza diariamente são resultado de relações construídas ao longo do tempo.

Essa abordagem também responde a uma necessidade identificada na pesquisa: superar uma prática exclusivamente descritiva e favorecer experiências que permitam aos estudantes compreender o espaço como uma construção social e dinâmica.

Por isso, quando trabalhamos Geografia Econômica nos Anos Iniciais, não precisamos começar com definições complexas. Podemos começar com uma pergunta aparentemente simples: **como as coisas que fazem parte da nossa vida chegam até nós?**

A partir dela, podemos descobrir lugares, trabalhadores, transportes, tecnologias, recursos naturais, atividades econômicas e relações de consumo.

Esse caminho é coerente com a proposta deste Guia: partir das experiências concretas e ampliar progressivamente a compreensão dos estudantes. O conhecimento geográfico não substitui o conhecimento cotidiano da criança; ele ajuda a organizá-lo, questioná-lo e ampliá-lo.

Nos próximos módulos, ampliaremos essa compreensão para outras dimensões da organização do território. Depois de estudar as relações econômicas, será possível avançar para temas ligados à **população, território, diversidade e organização regional**, aproximando os conhecimentos construídos até aqui da realidade brasileira e, posteriormente, de Rondônia.

Assim, o percurso continua articulado. A natureza estudada no Módulo IV aparece nas atividades econômicas; o campo e a cidade estudados no Módulo V participam das redes de produção e circulação; os mapas trabalhados no Módulo III podem ser utilizados para representar essas relações; e os conceitos de lugar e paisagem desenvolvidos no Módulo II continuam sendo instrumentos para compreender as transformações produzidas pelo trabalho.

A Geografia vai, pouco a pouco, deixando de aparecer como uma coleção de conteúdos separados e passa a ser compreendida como uma maneira de **ler, interpretar e questionar o espaço em que vivemos**.

Módulo 7 - Geografia Regional

Conexão com a Pesquisa

Nos módulos anteriores, construímos um percurso que procurou ampliar gradualmente a compreensão do espaço geográfico. No Módulo II, trabalhamos o espaço vivido, o lugar e a paisagem, partindo das experiências cotidianas das crianças para compreender como os espaços são percebidos, vivenciados e transformados.

Naquele momento, o conceito de território não foi desenvolvido de maneira aprofundada. Essa escolha foi intencional. Reservamos esse conceito para uma etapa posterior, quando já tivéssemos construído conhecimentos que permitissem ampliar a escala de análise. É nesse ponto que chegamos agora.

Se no Módulo II partimos do espaço vivido e do lugar, neste módulo ampliaremos o olhar para compreender como diferentes espaços podem ser organizados, agrupados e analisados. Para isso, trabalharemos os conceitos de **território, região e regionalização**, utilizando Rondônia como referência concreta.

O território será compreendido como uma dimensão do espaço relacionada às formas de apropriação, uso, organização e poder. A região será apresentada como um recorte espacial definido a partir de determinadas características ou relações. Já a regionalização corresponde ao processo de estabelecer esses recortes segundo critérios e finalidades específicas.

Essa discussão também dialoga com os conteúdos mencionados pelos professores participantes da pesquisa, entre eles a formação e divisão do território

brasileiro, territórios e regiões, limites, distribuição da população, regiões do Brasil, diversidade cultural e desigualdades sociais.

O objetivo, entretanto, não é transformar o professor em especialista em Geografia Regional, nem fazer com que os estudantes apenas memorizem nomes de regiões e municípios. O propósito é oferecer condições para compreender **por que os espaços podem ser regionalizados, quais critérios podem ser utilizados e como uma regionalização ajuda a interpretar o território**.

A partir de Rondônia, será possível trabalhar essas ideias de maneira concreta e próxima da realidade dos estudantes.

Objetivos de aprendizagem

Ao concluir este módulo, espera-se que você possa:

- ☑ Compreender o território como conceito geográfico;
- ☑ Reconhecer o significado de região e regionalização;
- ☑ Compreender que um território pode ser regionalizado segundo diferentes critérios e finalidades;
- ☑ Conhecer as Regiões de Planejamento e Gestão de Rondônia;
- ☑ Reconhecer o município como parte de organizações territoriais mais amplas;
- ☑ Compreender as relações entre município, região, estado e país;
- ☑ Desenvolver atividades que utilizem o município e o estado de Rondônia como referências para o ensino de Geografia Regional.

Vamos Refletir



Pense no município onde você vive. Ele possui limites, administração própria e estabelece relações com outros municípios. Existem lugares onde as pessoas procuram serviços, fazem compras, estudam, trabalham ou resolvem questões que não encontram em seu município. Agora pense:

Se alguns municípios possuem características e relações que os aproximam, seria possível agrupá-los em uma região?

Registre sua hipótese no Diário de Formação. Retomaremos essa questão ao longo do módulo.

Vamos Estudar

Do lugar ao território

No Módulo II, aprendemos que o espaço vivido é experimentado pelas pessoas em suas práticas cotidianas e que o lugar envolve relações, significados e pertencimentos. Também compreendemos que a paisagem revela elementos e processos que ajudam a interpretar o espaço. Agora vamos ampliar essa leitura.

O território é um conceito que nos permite compreender o espaço considerando também as relações de **apropriação, organização, uso e poder**. Por isso, não devemos pensar no território apenas como uma área delimitada por uma linha no mapa.

As fronteiras e os limites são importantes, mas não explicam sozinhos o território. É preciso observar quem administra determinado espaço, quem o utiliza, quais atividades nele acontecem, quais regras orientam sua organização e como diferentes grupos estabelecem relações com ele.

O território e suas características



Elaborado com auxílio de inteligência artificial (OpenAI, 2026).

O município, por exemplo, possui limites administrativos e uma organização política própria. O estado possui seu território e instituições responsáveis por diferentes funções. O território brasileiro, por sua vez, possui limites internacionais e uma organização político-administrativa.

No ensino dos Anos Iniciais, não é necessário apresentar o conceito de território de maneira excessivamente abstrata. O professor pode começar pelo município dos estudantes, observando seus limites, sua administração, os espaços de uso coletivo e suas relações com outros municípios. Assim, a criança começa a compreender que o espaço também é organizado por relações sociais e políticas.

Região: uma maneira de compreender a diversidade espacial

O território apresenta diferenças internas. Existem lugares com características naturais, econômicas, sociais ou culturais distintas. Para compreender essas diferenças, a Geografia utiliza o conceito de região.

Uma região pode ser compreendida como um recorte do espaço que apresenta determinadas características ou relações que permitem diferenciá-lo de outros recortes. Mas é importante compreender que **não existe apenas uma maneira de regionalizar um território**. Podemos criar regiões considerando características naturais, atividades econômicas, população, cultura, relações de circulação, organização administrativa ou outros critérios.

Uma regionalização baseada no clima será diferente de uma regionalização baseada nas atividades econômicas. Uma regionalização voltada para o planejamento administrativo poderá ser diferente de outra utilizada para analisar aspectos culturais. Por isso, quando perguntamos “qual é a região?”, precisamos também perguntar: **Região segundo qual critério?**

Essa pergunta é fundamental para que o estudante compreenda que regionalizar é uma maneira de organizar e interpretar o espaço de acordo com determinada finalidade.

Regionalização do Brasil

No ensino de Geografia, uma das regionalizações mais conhecidas é aquela que divide o Brasil em cinco grandes regiões: **Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul**.

Rondônia está localizada na Região Norte, juntamente com Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Roraima e Tocantins.

Essa divisão é uma importante referência para a organização e apresentação de informações sobre o território brasileiro. Entretanto, ela não deve ser trabalhada apenas como uma lista de estados para memorizar.

O professor pode utilizar essa regionalização para construir relações: em que região está nosso estado? Quais outros estados fazem parte dela? Que diferenças existem entre eles? Que relações Rondônia estabelece com os demais estados da Região Norte?

Dessa forma, a regionalização deixa de ser apenas uma classificação e passa a ser uma ferramenta de leitura do espaço.

Rondônia como espaço de aprendizagem sobre região

Rondônia oferece condições muito interessantes para trabalhar Geografia Regional porque seu território apresenta diversidade de municípios, paisagens, atividades econômicas, formas de ocupação e relações de circulação.

Ao observar o estado, podemos perceber que os municípios não possuem exatamente as mesmas características. Alguns possuem maior concentração de atividades comerciais e de serviços; outros possuem forte presença de atividades agropecuárias; há municípios com diferentes posições nas redes de circulação e diferentes relações com áreas rurais e urbanas. Essa diversidade permite compreender que um estado não constitui um espaço homogêneo.

Ao mesmo tempo, os municípios estão articulados dentro de um território comum. As pessoas se deslocam entre eles, produtos circulam, serviços são utilizados por moradores de diferentes localidades e determinadas cidades assumem funções de referência para áreas próximas. É justamente essa combinação entre diferenças e relações que torna possível estudar a Geografia Regional.

Um exemplo concreto de regionalização é apresentado pela Lei Complementar nº 414, de 28 de dezembro de 2007, que estabelece as Regiões de Planejamento e Gestão para o Estado de Rondônia.

A lei organiza o estado em dez Regiões de Planejamento e Gestão e define, para cada uma delas, um município como Polo de Referência Regional. Essa organização foi criada para servir como referência ao planejamento e às ações dos órgãos do Executivo Estadual.

É importante compreender que essa regionalização não modifica os limites dos municípios. Cada município continua sendo uma unidade político-administrativa própria. A região constitui outro recorte espacial, criado para uma finalidade específica. Assim, podemos ter:

Município → unidade político-administrativa.

Região de Planejamento e Gestão → conjunto de municípios organizado para determinada finalidade.

A legislação estabelece a seguinte divisão:

Região	Polo de Referência Regional	Municípios
I	Porto Velho	Porto Velho, Candeias do Jamari e Itapuã do Oeste
II	Ariquemes	Ariquemes, Alto Paraíso, Buritis, Cacaulândia, Campo Novo de Rondônia, Cujubim, Monte Negro e Rio Crespo
III	Jaru	Jaru, Governador Jorge Teixeira, Theobroma, Vale do Anari e Machadinho D'Oeste
IV	Ouro Preto do Oeste	Ouro Preto do Oeste, Mirante da Serra, Nova União e Vale do Paraíso
V	Ji-Paraná	Ji-Paraná, Alvorada D'Oeste, Teixeirópolis, Presidente Médici e Urupá

VI	Cacoal	Cacoal, Ministro Andreazza, Espigão D'Oeste, Pimenta Bueno, Primavera de Rondônia, São Felipe e Parecis
VII	Vilhena	Vilhena, Chupinguaia, Colorado D'Oeste, Cerejeiras, Cabixi, Pimenteiras e Corumbiara
VIII	Rolim de Moura	Rolim de Moura, Novo Horizonte D'Oeste, Santa Luzia D'Oeste, Alto Alegre dos Parecis, Nova Brasilândia D'Oeste, Castanheiras e Alta Floresta D'Oeste
IX	São Francisco do Guaporé	São Francisco do Guaporé, Costa Marques, São Miguel do Guaporé e Seringueiras
X	Guajará-Mirim	Guajará-Mirim e Nova Mamoré

Fonte: elaboração com base na Lei Complementar nº 414, de 28 de dezembro de 2007.

A tabela permite observar que as regiões possuem quantidades diferentes de municípios e diferentes municípios como polos de referência.

O conceito de **Polo de Referência Regional** também pode ser trabalhado a partir de situações concretas. O professor pode perguntar aos estudantes se os moradores de seu município costumam se deslocar para outras cidades para utilizar serviços, realizar compras, estudar ou buscar atendimento especializado. Essas situações ajudam a compreender que os municípios estabelecem relações entre si.

Também é importante destacar que essa é apenas **uma das formas possíveis de regionalizar Rondônia**. Uma regionalização voltada para atividades econômicas, características ambientais, população ou circulação poderia apresentar resultados diferentes. Portanto, o principal conhecimento a ser construído é:

Regionalizar é escolher critérios para organizar e interpretar o espaço de acordo com determinada finalidade.

Organizando as ideias

Podemos organizar os principais conceitos deste módulo da seguinte maneira:

TERRITÓRIO

espaço relacionado à apropriação, uso, organização e poder.

↓

REGIÃO

recorte espacial definido a partir de determinadas características ou relações.

↓

REGIONALIZAÇÃO

processo de organizar e interpretar o espaço segundo determinados critérios.

A ideia central deste módulo é:

Um mesmo território pode ser regionalizado de diferentes maneiras, dependendo dos critérios e da finalidade da análise.

Experimente e Produza

O meu município dentro de uma região

Agora é sua vez de experimentar o conceito de regionalização antes de levá-lo para a sala de aula. Localize o município onde você trabalha ou vive e identifique, na tabela da Lei Complementar nº 414/2007:

- ✓ a Região de Planejamento e Gestão à qual pertence;
- ✓ o Polo de Referência Regional;
- ✓ os demais municípios que fazem parte da região;
- ✓ a quantidade de municípios que compõem essa região.

Depois, observe o mapa de Rondônia e procure identificar a posição do seu município em relação aos demais municípios da região. No Diário de Formação, responda:

1. O que eu já sabia sobre a região onde está meu município?
2. O que descobri ao consultar a regionalização da Lei nº 414/2007?
3. Que relações percebo entre meu município e os demais municípios da região?
4. Como eu explicaria para uma criança o que significa pertencer a uma Região de Planejamento e Gestão?
5. Que dificuldade eu imagino que meus estudantes possam apresentar ao estudar região e regionalização?

Esse registro será importante para ajudá-lo a transformar o conhecimento geográfico em uma proposta pedagógica adequada à faixa etária dos estudantes.

Aplicando na sala de aula

As atividades foram organizadas de maneira progressiva. Nos primeiros anos, o foco está no reconhecimento do município. Nos anos seguintes, amplia-se a análise para os bairros e para as relações entre municípios. No 5º ano, os estudantes passam a investigar sistematicamente a regionalização de Rondônia.

1º E 2º ANOS

Conhecendo o meu município

Objetivo: Reconhecer o município como parte do estado de Rondônia e identificar elementos básicos de sua organização e identidade.

Materiais: Mapa do município, mapa de Rondônia, imagem do município, papel, lápis de cor e, se possível, imagem da bandeira municipal.

Como fazer: O professor deverá apresentar aos estudantes o **nome do município**, sua localização no mapa de Rondônia e sua posição em relação ao estado.

Depois, apresente algumas informações básicas sobre o município, como:

- nome;
- localização;
- rios principais;
- bandeira;
- hino;
- outros elementos que identifiquem o município.

A atividade pode ser organizada como uma pequena **"Ficha de Identidade do Município"**.

Cada estudante receberá uma folha contendo:

Nome do município: _____

Estado:_____

Minha cidade fica aqui:

[espaço para localizar ou colar o município no mapa]

Um rio importante: _____

Nossa bandeira:

[espaço para desenhar ou colorir]

Uma coisa que gosto no meu município: _____

Para o **1º ano**, o foco deve estar no reconhecimento do nome, da bandeira e da localização. No **2º ano**, o professor poderá ampliar a atividade, acrescentando a localização de rios e outros municípios próximos.

Produto final

Mural "Conhecendo nosso município", reunindo as fichas produzidas pelas crianças.

Aprendizagens: Localização, identificação do município, leitura inicial de mapas e reconhecimento da inserção do município no território de Rondônia.

3º E 4º ANOS

Meu bairro e os bairros do nosso município

Objetivo: Reconhecer os bairros como partes do município e compreender que diferentes espaços de um mesmo município podem ser identificados e organizados de diferentes maneiras.

Como fazer: O professor deverá iniciar perguntando:

Em qual bairro você mora?

Depois, outras perguntas podem ser feitas:

- ✓ Em qual bairro moram seus familiares?
- ✓ Você conhece outros bairros do município?
- ✓ Existem bairros próximos ao seu?
- ✓ Todos os bairros possuem as mesmas características?
- ✓ Como podemos localizar os diferentes bairros no município?

As respostas deverão ser registradas pela turma. Em seguida, o professor poderá construir, com os estudantes, uma lista dos bairros mencionados. A turma poderá representar os bairros em um **mapa esquemático do município**, sem a necessidade de precisão cartográfica. Os estudantes poderão localizar:

meu bairro → outros bairros → centro do município → município.

Depois, o professor deverá ampliar a discussão.

Os bairros fazem parte do município. Da mesma maneira, o município faz parte de uma organização territorial mais ampla. Nesse momento, o professor apresenta a Região de Planejamento e Gestão à qual o município pertence. Os estudantes deverão identificar:

- ✓ o nome do estado;
- ✓ o nome da região;
- ✓ os demais municípios integrantes.

Aprendizagens: Localização, organização do espaço municipal, leitura cartográfica inicial, município, região e ampliação da escala espacial.

5º ANO

Mostra das Regiões de Planejamento e Gestão de Rondônia

Objetivo: Investigar os municípios que compõem as dez Regiões de Planejamento e Gestão de Rondônia, organizar informações populacionais e econômicas e compreender as diferenças e relações existentes entre os municípios de uma mesma região.

Organização: A turma será dividida em **dez grupos**, sempre que o número de estudantes permitir. Cada grupo ficará responsável por uma das dez Regiões de Planejamento e Gestão estabelecidas pela Lei Complementar nº 414/2007.

Caso a quantidade de estudantes não permita dez grupos, o professor poderá distribuir duas regiões para alguns grupos.

Etapa 1 — Conhecendo a região

Cada grupo deverá identificar:

- ✓ número da região;
- ✓ Polo de Referência Regional;
- ✓ municípios integrantes;
- ✓ quantidade de municípios.

Etapa 2 — Fichamento dos municípios

Cada grupo deverá elaborar uma ficha para cada município de sua região. A ficha poderá conter:

Município:

População total:

Homens:

Mulheres:

População urbana:

População rural:

Principais atividades econômicas:

O professor poderá fornecer os dados ou indicar previamente as fontes que serão utilizadas. A intenção não é transformar a atividade em uma pesquisa extensa, mas organizar informações que permitam comparar os municípios.

Etapa 3 — Organizando os dados da região

Depois de preencher as fichas, cada grupo deverá calcular ou organizar:

- ✓ população total da região;
- ✓ total de homens;
- ✓ total de mulheres;
- ✓ população urbana;
- ✓ população rural.

Os dados poderão ser apresentados em tabelas e gráficos simples.

Etapa 4 — Preparando a Mostra

Cada grupo deverá produzir um painel contendo:

REGIÃO DE PLANEJAMENTO E GESTÃO _____

Polo regional: _____

Municípios: _____

População total: _____

Homens: _____

Mulheres: _____

População urbana: _____

População rural: _____

Principais atividades econômicas: _____

O painel deverá apresentar também um **mapa da região**, destacando seus municípios.

Etapa 5 — Mostra das Regiões de Rondônia

Os grupos organizarão uma exposição na sala ou em outro espaço da escola. Cada grupo apresentará sua região aos demais estudantes, explicando:

- ✓ quais municípios fazem parte dela;
- ✓ qual é o polo regional;
- ✓ como está distribuída sua população;
- ✓ quais atividades econômicas se destacam;
- ✓ quais diferenças foram encontradas entre os municípios.

Ao final, a turma poderá observar os dez painéis e comparar as regiões.

Fechamento

O professor deverá retomar a pergunta:

Por que esses municípios foram organizados em regiões?

E acrescentar:

Se utilizássemos outro critério, poderíamos organizar Rondônia de outra maneira?

A discussão deverá levar os estudantes a perceber que a regionalização estudada possui uma finalidade específica e que diferentes critérios podem produzir diferentes formas de regionalizar um território.

Produto final

Mostra das Regiões de Planejamento e Gestão de Rondônia.

Aprendizagens: Regionalização, território, município, leitura de mapas, organização de dados, população, atividades econômicas, comparação espacial e interpretação geográfica.

Refletindo sobre a prática

Retome a pergunta apresentada no início do módulo:

Se alguns municípios possuem características e relações que os aproximam, seria possível agrupá-los em uma região?

Agora registre no **Diário de Formação**:

1. O que mudou na minha compreensão sobre região e regionalização?
2. Por que é importante conhecer o critério utilizado para construir uma região?
3. Qual das atividades propostas para os Anos Iniciais considero mais adequada à realidade da minha escola? Por quê?
4. Como posso trabalhar Geografia Regional sem reduzir o conteúdo à memorização de nomes de municípios?

Para continuar nosso percurso

Neste módulo, ampliamos o percurso iniciado no Módulo II. Partimos dos conceitos de **território, região e regionalização** para compreender que o espaço pode ser organizado e analisado segundo diferentes critérios e finalidades.

Rondônia foi utilizada como referência concreta para essa aprendizagem. A regionalização estabelecida pela Lei Complementar nº 414/2007 mostrou uma

forma específica de organização do território estadual: as **dez Regiões de Planejamento e Gestão**, cada uma com seu Polo de Referência Regional.

As atividades também foram organizadas de maneira progressiva.

No **1º e 2º anos**, o estudante começa pelo reconhecimento do próprio município. Conhece seu nome, localização, bandeira, hino e alguns elementos que ajudam a construir sua identidade territorial.

No **3º e 4º anos**, o olhar se amplia para os bairros e para a organização do município, permitindo compreender que diferentes espaços fazem parte de uma unidade territorial maior e que esse município também está inserido em uma região.

No **5º ano**, o estudante amplia ainda mais a escala de análise e investiga as Regiões de Planejamento e Gestão de Rondônia, trabalhando municípios, população, atividades econômicas, mapas e dados.

Esse percurso permite que o estudante avance gradualmente:

MUNICÍPIO → REGIÃO → RONDÔNIA → REGIÃO NORTE → BRASIL

Assim, a Geografia Regional não precisa ser apresentada como uma lista de regiões para memorizar. Ela pode ser construída a partir de perguntas sobre espaços conhecidos e, progressivamente, ampliar a capacidade da criança de compreender como os diferentes lugares se relacionam e como o território pode ser organizado para diferentes finalidades.

A principal ideia deste módulo pode ser sintetizada em uma frase:

Regionalizar é uma forma de organizar e interpretar o espaço a partir de determinados critérios e finalidades.

Módulo 8: Ensinar Geografia na prática - articular conhecimentos e construir propostas de aprendizagem

Chegamos no último módulo

Ao longo deste Guia, percorremos diferentes caminhos para compreender a Geografia e, principalmente, para pensar sobre seu ensino nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Partimos de conceitos e conhecimentos fundamentais e, progressivamente, aproximamos esses conteúdos da realidade escolar e do espaço vivido pelos estudantes.

No Módulo II, estudamos **lugar e paisagem**, compreendendo que o espaço cotidiano das crianças constitui um importante ponto de partida para o ensino de Geografia. Depois, ampliamos nossa compreensão para a relação entre natureza e sociedade, observamos as diferenças e relações entre campo e cidade, analisamos produção, trabalho, circulação e consumo e chegamos aos conceitos de território, região e regionalização, utilizando Rondônia como importante referência para a leitura do espaço.

Agora, no último módulo, não vamos simplesmente acrescentar um novo conceito àqueles já estudados. O propósito é diferente. Vamos olhar para tudo o que construímos e perguntar:

Como transformar esses conhecimentos em uma proposta de aprendizagem para os estudantes?

Essa pergunta é particularmente importante para os pedagogos que ensinam Geografia nos Anos Iniciais. Como vimos desde o início do Guia, uma das dificuldades encontradas na pesquisa está relacionada justamente à formação específica para o ensino de Geografia. O fato de o professor conhecer determinado

conteúdo não significa, necessariamente, que saiba como transformá-lo em uma situação de aprendizagem adequada à faixa etária dos estudantes. Ensinar Geografia exige, portanto, duas dimensões que precisam caminhar juntas: **conhecimento geográfico e conhecimento pedagógico**.

Não basta saber o que é território. É preciso saber como apresentar esse conceito a uma criança de 9 ou 10 anos. Não basta conhecer a definição de paisagem. É necessário saber como levar os estudantes a observar, comparar e interpretar paisagens. Não basta conhecer a regionalização de Rondônia. É preciso transformá-la em uma investigação que faça sentido para a turma.

O que aprendemos ao longo deste Guia?

No início do Guia, discutimos a importância da Geografia nos Anos Iniciais e a necessidade de superar uma prática baseada exclusivamente na transmissão e memorização de informações. A Geografia escolar pode contribuir para que os estudantes desenvolvam uma maneira própria de observar, questionar, comparar, localizar e interpretar os espaços em que vivem.

Ao estudar **lugar**, compreendemos a importância da experiência cotidiana. Ao estudar **paisagem**, aprendemos a observar os elementos naturais e sociais presentes no espaço e as marcas das transformações ocorridas ao longo do tempo.

Ao trabalhar **cartografia**, percebemos que mapas, plantas, croquis e outras representações são instrumentos para localizar, representar e interpretar o espaço.

Ao estudar **natureza e sociedade**, compreendemos que os elementos naturais e as ações humanas estão relacionados e que a sociedade transforma o espaço ao mesmo tempo em que depende das condições naturais.

Ao analisar **campo e cidade**, percebemos que esses espaços possuem características próprias, mas também estabelecem relações permanentes. Ao estudar **produção, trabalho, circulação e consumo**, compreendemos que as atividades econômicas participam da organização do espaço.

Ao estudar **território**, incorporamos à análise as relações de apropriação, organização, uso e poder. Ao estudar **região e regionalização**, aprendemos que podemos organizar e interpretar o espaço segundo diferentes critérios e finalidades.

Rondônia esteve presente como referência concreta em diferentes momentos, permitindo aproximar os conceitos da realidade regional. O desafio agora é fazer com que esses conhecimentos deixem de aparecer como conteúdos isolados.

O conhecimento geográfico precisa ser articulado

Na prática escolar, os conceitos geográficos não aparecem separados. Uma paisagem urbana, por exemplo, pode ser analisada considerando seus elementos naturais e sociais, as atividades econômicas nela presentes, os fluxos de pessoas e mercadorias e as relações territoriais que organizam seu uso.

Uma área rural pode ser estudada a partir da produção, do trabalho, das relações com a natureza, da circulação de mercadorias e das conexões estabelecidas com a cidade. Um município pode ser analisado considerando sua paisagem, seu território, sua população, suas atividades econômicas e suas relações com outros municípios.

Rondônia pode ser estudada considerando sua localização, suas paisagens, sua população, suas atividades econômicas, suas redes de circulação, sua organização territorial e suas regiões. Isso significa que uma boa proposta de ensino de Geografia não precisa trabalhar apenas um conceito.

Um conceito pode ser o **eixo principal** da atividade, enquanto outros aparecem articulados para ajudar o estudante a compreender determinado fenômeno. Essa perspectiva é importante porque evita que o ensino se transforme em uma sequência de definições desconectadas.

Do conteúdo ao problema geográfico

Uma das principais mudanças que podemos realizar em nossa prática é deixar de começar a aula apenas pela definição. Em vez de iniciar uma aula dizendo“Hoje vamos estudar território”, podemos apresentar uma situação que provoque investigação, como “Por que existem limites entre os municípios?”.

Da mesma forma, em vez de simplesmente apresentar a definição de região como “uma área com determinadas características”, podemos perguntar “Por que alguns estados são agrupados em uma mesma região de planejamento?”. No estudo de paisagem, ao invés de começar definindo que “paisagem é tudo aquilo que podemos perceber”, podemos apresentar uma fotografia e questionar “O que essa paisagem revela sobre a maneira como as pessoas utilizam esse espaço?”.

O conteúdo continua presente, mas a diferença está na maneira de chegar até ele: o estudante passa a observar, formular hipóteses, comparar informações e construir explicações, sendo esse o movimento que aproxima o ensino de Geografia do raciocínio geográfico.

Uma proposta de planejamento

Para transformar os conhecimentos deste Guia em uma prática concreta, podemos utilizar alguns passos simples. Eles não constituem uma receita que precisa ser seguida sempre da mesma maneira. Funcionam como um roteiro de planejamento que ajuda o professor a organizar suas escolhas.

1. Escolha o que o estudante deverá compreender

O primeiro passo não é escolher a atividade. É definir **o que queremos que o estudante aprenda**. Por exemplo:

“Compreender que diferentes municípios podem estabelecer relações entre si.”
“Reconhecer elementos naturais e sociais presentes em uma paisagem.”
“Compreender que diferentes critérios podem produzir diferentes regionalizações.”

O objetivo precisa indicar uma aprendizagem, e não apenas uma tarefa. “Fazer um cartaz” é uma atividade. “Compreender as relações entre municípios de uma região” é uma aprendizagem. Essa diferença parece pequena, mas muda a maneira de planejar.

2. Escolha um fenômeno ou situação concreta

Depois de definir o que o estudante deverá compreender, procure uma situação concreta que permita trabalhar esse conhecimento. Pode ser:

- ✓ uma paisagem;
- ✓ um mapa;
- ✓ uma fotografia;
- ✓ uma notícia;
- ✓ uma atividade econômica;
- ✓ uma estrada;
- ✓ um rio;
- ✓ um município;
- ✓ uma situação observada na comunidade;
- ✓ uma questão relacionada ao cotidiano dos estudantes.

Quanto mais próximo da experiência da turma, maior tende a ser a possibilidade de estabelecer relações significativas. Isso não significa trabalhar apenas o que é conhecido. O conhecido deve funcionar como ponto de partida para chegar ao que ainda precisa ser compreendido.

3. Formule uma pergunta geográfica

A pergunta organiza a investigação. Ela precisa ser suficientemente clara para os estudantes e, ao mesmo tempo, permitir alguma forma de análise. Alguns exemplos:

Por que essa paisagem é assim?

O que mudou nesse lugar?

Por que algumas áreas são mais ocupadas que outras?

De onde vêm os produtos que consumimos?

Por que as pessoas se deslocam entre esses municípios?

Por que esses municípios foram agrupados em uma região?

Podemos regionalizar esse espaço de outra maneira?

Uma boa pergunta não precisa ser complicada. Precisa abrir espaço para pensar geograficamente.

4. Defina quais informações serão utilizadas

Depois, o professor precisa selecionar as informações necessárias para que os estudantes possam investigar a questão. Podem ser utilizados:

- ✓ mapas;
- ✓ fotografias;
- ✓ gráficos;
- ✓ tabelas;
- ✓ textos curtos;
- ✓ relatos;
- ✓ imagens de satélite;
- ✓ dados sobre população;
- ✓ informações sobre atividades econômicas;
- ✓ informações sobre localização;
- ✓ materiais produzidos pelos próprios estudantes.

É importante evitar excesso de informações. O objetivo não é entregar aos estudantes tudo o que existe sobre determinado tema, mas selecionar aquilo que será necessário para responder à pergunta proposta.

5. Planeje o que os estudantes irão produzir

Toda investigação precisa chegar a algum tipo de sistematização. O produto pode ser:

- ✓ um desenho;
- ✓ um croqui;
- ✓ um mapa;
- ✓ uma tabela;
- ✓ um cartaz;
- ✓ uma legenda;
- ✓ um pequeno texto;

- ✓ uma apresentação;
- ✓ uma comparação;
- ✓ uma proposta de regionalização.

O produto não precisa ser sofisticado. O mais importante é que permita perceber o que o estudante compreendeu.

O professor como mediador do conhecimento geográfico

Ao longo deste Guia, procuramos destacar que ensinar Geografia não significa apenas transmitir informações. O professor possui um papel fundamental na mediação entre o conhecimento científico e a experiência dos estudantes.

A criança já observa o espaço antes de chegar à escola. Ela percebe diferenças entre bairros, reconhece caminhos, sabe onde encontra determinados produtos, observa mudanças na paisagem, identifica lugares importantes e possui conhecimentos sobre o espaço em que vive.

O papel da escola é ajudar a transformar essas experiências em conhecimento sistematizado. Isso exige que o professor faça perguntas, apresente diferentes formas de representação, introduza conceitos, confronte informações, estimule comparações e ajude os estudantes a construir explicações.

Por isso, uma aula de Geografia não precisa ser excessivamente complexa para ser significativa. Uma fotografia pode gerar uma investigação. Um mapa pode revelar relações. Uma estrada pode ser ponto de partida para discutir circulação.

Uma atividade econômica pode levar ao estudo do trabalho e da organização espacial. Um município pode levar ao estudo do território. Uma divisão regional pode levar à compreensão do processo de regionalização.

O que transforma esses elementos em Geografia escolar é a maneira como são problematizados e relacionados.

Para além da memorização

Ao longo do Guia, procuramos evitar uma concepção de ensino baseada exclusivamente na memorização. Isso não significa que informações, nomes, localizações e conceitos não sejam importantes. Eles são.

Uma criança precisa aprender que Rondônia está na Região Norte. Precisa aprender a localizar o estado. Precisa conhecer seu município. Precisa compreender determinados conceitos.

O problema aparece quando a informação se torna o próprio objetivo da aprendizagem. Saber localizar Rondônia no mapa é importante. Mais importante ainda é conseguir utilizar essa localização para compreender relações espaciais.

Conhecer o nome das regiões brasileiras é importante. Mais importante é compreender que existem diferentes formas de organizar e interpretar o território. Conhecer o conceito de paisagem é importante. Mais importante é conseguir observar uma paisagem e identificar processos e relações presentes nela.

Conhecer o conceito de território é importante. Mais importante é compreender como o espaço é organizado e utilizado por diferentes grupos e instituições. A Geografia escolar ganha sentido quando os conhecimentos permitem ao estudante **ler, interpretar e explicar o espaço**.

Reflexão final

Ao iniciar este Guia, talvez alguns conteúdos de Geografia parecessem distantes ou excessivamente específicos. Agora, depois do percurso realizado, podemos perceber que muitos deles estão presentes no cotidiano.

A paisagem está diante dos nossos olhos. O lugar é vivido diariamente. O território organiza espaços e relações. A natureza está presente nas condições em que vivemos. O campo e a cidade estabelecem conexões permanentes. O trabalho e a produção transformam o espaço. As mercadorias circulam. As pessoas se deslocam.

Os municípios estabelecem relações. As regiões organizam diferentes recortes do território. E Rondônia constitui o espaço concreto onde muitas dessas relações podem ser observadas.

Ensinar Geografia, portanto, não significa apenas ensinar sobre mapas, estados, regiões, rios ou atividades econômicas. Significa ajudar o estudante a compreender onde vive, como esse espaço foi produzido, como ele se transforma, quais relações existem entre os lugares e qual é o seu papel na sociedade que produz e transforma o espaço. Essa é uma das maiores contribuições da Geografia para a formação das crianças.

Encerramento do Guia

Chegamos ao final deste percurso. Ao longo dos oito módulos, buscamos construir uma formação que pudesse aproximar os conhecimentos da Geografia da realidade dos professores dos Anos Iniciais, especialmente daqueles que não tiveram uma formação específica em Geografia.

O objetivo não foi transformar o pedagogo em um especialista em todas as áreas da ciência geográfica. Também não foi apresentar um conjunto de receitas prontas para serem aplicadas em sala de aula.

A proposta foi oferecer **fundamentos, conceitos, exemplos e possibilidades de trabalho** que possam ampliar a segurança do professor diante do ensino de Geografia. O conhecimento geográfico não se encerra neste Guia, pelo contrário.

Esperamos que, a partir dele, o professor se sinta mais preparado para observar o espaço, fazer perguntas, buscar informações, utilizar mapas e outras representações, selecionar conceitos e construir situações de aprendizagem adequadas aos seus estudantes.

Também esperamos que o professor perceba que não precisa começar sempre por aquilo que está distante. Pode começar pela escola. Pela rua. Pelo bairro. Pelo município. Por uma paisagem conhecida. Por uma estrada. Por um rio.

Por uma atividade de trabalho. Por uma situação observada pelos próprios estudantes.

A partir daí, pode ampliar a escala e mostrar que aquele espaço faz parte de relações cada vez maiores. Essa é a trajetória que procuramos construir neste Guia:

do vivido ao pensado;

do próximo ao distante;

do lugar ao território;

da observação à interpretação;

da informação ao conhecimento.

Ensinar Geografia é, em grande medida, ensinar a **ler o espaço e compreender o mundo a partir dele**. Que este Guia seja, portanto, não um ponto final, mas um ponto de partida para novas perguntas, novas investigações e novas possibilidades de ensinar e aprender Geografia.

Referências

CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o mundo**: a Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, 2005.

CAVALCANTI, Lana de Souza. ***O ensino de Geografia na escola***. Campinas: Papirus, 2012.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1995.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2009.

RONDÔNIA. **Lei Complementar nº 414, de 28 de dezembro de 2007**. Estabelece as Regiões de Planejamento e Gestão para o Estado de Rondônia e dá outras providências. Porto Velho, 2007.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed., 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. (Coleção Milton Santos, 1).

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 5. ed., 1. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. (Coleção Milton Santos, 6).

SANTOS, Mílton e SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar Geografia**: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais. São Paulo: Annablume, 2004.